



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



JENNIFER AZEVEDO BARRETO

**O DISCURSO, O IMAGINÁRIO E A IDENTIDADE DA MULHER NO SEMANÁRIO
O SEXO FEMININO (1873)**

São Cristóvão-SE
2024

JENNIFER AZEVEDO BARRETO

**O DISCURSO, O IMAGINÁRIO E A IDENTIDADE DA MULHER NO SEMANÁRIO
O SEXO FEMININO (1873)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras/PPGL como requisito à obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Elias Verdiani Tfouni.

São Cristóvão-SE
2024

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

B273d	Barreto , Jennifer Azevedo O discurso, o imaginário e a identidade da mulher no semanário o sexo feminino (1873) / Jennifer Azevedo Barreto ; orientador Fabio Elias Verdiani Tfouni. – São Cristóvão, SE, 2024. 73 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2024. 1. Literatura brasileira. 2. Literatura feminista. 3. Análise do discurso. 3. Mulheres - Identidade. 4. Ideologia. 5. Mulheres na imprensa. I. Tfouni, Fabio Elias Verdiani Tfouni, orient. II. Título. CDU 821.134.3(81)
-------	--

JENNIFER AZEVEDO BARRETO

**O DISCURSO, O IMAGINÁRIO E A IDENTIDADE DA MULHER NO SEMANÁRIO
O SEXO FEMININO (1873)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal de Sergipe no
Exame de Defesa à seguinte Banca
Examinadora.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Fábio Elias Verdiani Tfouni (UFS)
Orientador

Prof.Dr. Jose Ricardo Carvalho Da Silva (UFS)
Avaliador Externo

Profa. Dra. Marcia Regina Curado Pereira Mariano (UFS)
Avaliadora Interna

São Cristóvão-SE
2024

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma análise discursiva dos discursos proferidos no semanário *O Sexo Feminino* (1873), abordando o impacto na construção da identidade e do imaginário da mulher na sociedade do século XIX. Novos modelos com o surgimento de ideologias que confrontam o que é imposto por uma sociedade patriarcal e machista. Os discursos escritos nas imprensas femininas oitocentistas provocaram um rompimento com os padrões tradicionais da época, caracterizando-se como acontecimento histórico e acontecimento discursivo. O semanário *O Sexo Feminino* era escrito por mulheres, e, nas edições, as escritoras defendiam a educação e a formação da identidade feminina com pressupostos ideológicos contrários ao patriarcalismo. O discurso se faz com e para sujeitos, neste caso, os principais discursos são produzidos pela idealizadora Francisca Senhorinha Diniz representando o semanário. Nesse contexto, novas ideologias tornaram-se materializadas nos discursos da imprensa feminina, revelando transformações e acontecimentos históricos sobre a mulher. Nas edições, as mulheres tinham o intuito de educar jovens e adultas sobre política, educação, casamento, profissões, casa, entre outras áreas, em busca da libertação do molde conservador. Este trabalho é fundamentado na Análise de Discurso da vertente francesa, em específico Pêcheux, com a finalidade de compreender a influência do discurso de Francisca Senhorinha Diniz, na construção das representações das mulheres, bem como os sentidos sobre o casamento e a luta por direitos, nas cinco primeiras edições do semanário *O Sexo Feminino* de 1873. O procedimento metodológico utilizado para esta pesquisa foi de caráter qualitativo. Para a realização da análise do *corpus*, o projeto é alicerçado nos conceitos da Análise de Discurso trabalhados em Gadet e Hak (1993), Orlandi (2002), Gregolin (2007), Indursky (2007), Tfouni e Tfouni (2014) e Tfouni e Grigoletto (2020). Acerca da história da mulher na sociedade, o estudo se apoia em considerações de Beauvoir (1949) e Federici (2017, 2018). Os resultados sinalizam que os discursos da imprensa feminina têm grande influência, tendo em vista que é através do discurso que as identidades e formações sociais são formadas, adaptadas ou reconstruídas.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Identidade. Imprensa Feminina. Ideologia. Mulher.

ABSTRACT

This dissertation presents a discursive analysis of the discourses given in the weekly *O Sexo Feminino* (1873), addressing the impact on the construction of women's identity and imaginary in nineteenth-century society. The speeches written in the nineteenth-century women's presses caused a break with the traditional patterns of the time, characterizing themselves as a historical event and a discursive event. The weekly *O Sexo Feminino* was written by women, and, in its editions, the writers defended education and the formation of female identity with ideological assumptions contrary to patriarchy. The discourse is made with and for subjects, in this case, the main discourses are produced by the creator Francisca Senhorinha Diniz representing the weekly. In this context, new ideologies became materialized in the discourses of the women's press, revealing transformations and historical events about women. In the editions, women had the intention of educating young people and adults about politics, education, marriage, professions, home, among other areas, in search of liberation from the conservative mold. This work is based on the Discourse Analysis of the French strand, specifically Pêcheux, in order to understand the influence of Francisca Senhorinha Diniz's discourse. in the construction of women's representations, as well as the meanings of marriage and the struggle for rights, in the first five editions of the weekly *O Sexo Feminino* in 1873. The methodological procedure used for this research was qualitative. To carry out the analysis of the corpus, the project is based on the concepts of Discourse Analysis worked on in Gadet and Hak (1993), Orlandi (2002), Gregolin (2007), Indursky (2007), Tfouni and Tfouni (2014) and Tfouni and Grigoletto (2020). Regarding the history of women in society, the study is based on considerations by Beauvoir (1949) and Federici (2017, 2018). The results indicate that the discourses of the women's press have a great influence, considering that it is through discourse that identities and social formations are formed, adapted or reconstructed.

Keywords: Discourse Analysis. Identity. Women's Press. Ideology. Woman.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD – Análise do Discurso

FD – Formação (ões) Discursiva (s)

FI – Formação (ões) Imaginária (s)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 A IMPRENSA NO BRASIL.....	14
1.1 A imprensa Feminina.....	16
1.2 O Sexo Feminino.....	18
1.3 Senhorinha Diniz.....	21
2 CATEGORIAS DA ANÁLISE DE DISCURSO.....	23
2.1 A influência da ideologia na construção do sujeito.....	23
2.2 Condições de produção dos discursos femininos no Brasil.....	28
2.3 O imaginário do homem e da mulher no século XIX.....	29
2.4 Os discursos.....	34
2.5 Mecanismos da análise.....	36
3 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	41
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
ANEXO A – 7 de setembro de 1873 (apresenta discursos influenciando a emancipação da mulher).....	67
ANEXO B – 14 de setembro de 1873 (emancipação da mulher).....	69
ANEXO C - 20 de setembro de 1873, n. 3.....	71
ANEXO D – 27 de setembro de 1873.....	72
ANEXO E – 25 de setembro de 1873, n. 8.....	73

INTRODUÇÃO

Os discursos e imaginários sobre o que é ser mulher por muito tempo ficaram consolidados pelo que era imposto por uma sociedade com costumes patriarcais e machistas. Segundo Beauvoir (1949), o papel da mulher é definido por regras que são impostas por um modelo de sociedade e não por um fator biológico, em outras palavras, a função da mulher na sociedade é definida por grupos com ideologias dominantes.

Com os discursos simbólicos do patriarcado e do machismo replicados no espaço social, o lugar de fala das mulheres era silenciado e tomado pelos homens. Com a educação e instrução seguindo a ideologia patriarcal, a mulher cresce sendo ensinada para devotar obediência ao pai ou ao esposo, cuidar do lar e da família. É notório que a cultura e os costumes das épocas anteriores eram bastante rigorosos em relação às mulheres. Nesse sentido, o imaginário da mulher torna-se limitado aos papéis de dona de casa, mãe, esposa e submissa à figura masculina.

O movimento chamado Feminismo começou a circular na sociedade e mídia, ganhando força e permitindo maior liberdade para o surgimento de um novo modelo do que é ser mulher. No discurso feminista, há uma tomada de posição contrária aos costumes e obrigações impostas pela ideologia machista. Com o surgimento de novas ideologias são formados novos imaginários e novas identidades que são representadas nos discursos. A mescla dos discursos antigos e atuais cria oportunidades de heterogeneidade discursiva.

No século XIX, a imprensa foi uma das principais ferramentas para a divulgação de ideologias, valores, costumes, culturas em busca da construção de uma sociedade moderna. Segundo Tfouni e Tfouni (2014), as revistas fornecem modelos, e, através dos discursos das revistas, os sujeitos-leitores se assujeitam ideologicamente, assumindo uma posição. Os discursos e imaginários são moldados pelos enunciados e notícias publicadas nos jornais e revistas da época. É com a identificação dos discursos que os sujeitos constroem, reconstroem e adaptam as suas identidades.

Consoante Gregolin (2007), a mídia é um meio de divulgação que molda os discursos e os imaginários. Os dizeres proferidos na imprensa possuem uma grande influência na formação do sujeito. Deste modo, ao moldar discursos, a mídia não apenas traz a informação, mas também proporciona a construção de narrativas que podem influenciar a forma como as pessoas entendem o mundo ao seu redor. Essas

narrativas criadas pela mídia têm o poder de consolidar estereótipos, perpetuar ideologias e definir os parâmetros do que é considerado normal ou aceitável na sociedade. Dessa forma, a imprensa atua como um agente formador de opinião, capaz de direcionar o pensamento coletivo e individual.

A constante vontade de lutar e conquistar direitos motivou a criação de imprensas femininas, com as mulheres no comando. Com os movimentos chamados feministas que circulavam no mundo inteiro. As manifestações pelos direitos das mulheres e as conquistas adquiridas por elas são consideradas acontecimentos históricos e acontecimentos discursivos. Com a aquisição de espaço na sociedade, observa-se a circulação de novos e antigos discursos na sociedade e na mídia, materializando, com isso, ideologias que modelam o imaginário e a identidade do que é ser uma mulher.

A imprensa feminina foi e é uma grande colaboradora para a construção da identidade feminina, bem como os discursos que são veiculados na sociedade. Foi através dos discursos feministas que circulavam nas imprensas femininas que as mulheres uniram cada vez mais forças e conquistaram seu espaço. Desse modo, através das interações sociais e de leituras de revistas, as mulheres se identificaram com ideologias diferentes das patriarcais. Assim, é nos processos culturais, históricos e políticos que ocorrem atribuições de características e a construção de modelos da mulher na sociedade e na mídia.

No século XIX, a vinda da família real portuguesa ao estado do Rio de Janeiro gerou um grande impulso no interesse de viajantes em conhecer a região de Minas Gerais, tendo em vista que foi considerada a região com mais população, destacando-se como uma das principais províncias do Império brasileiro no século XIX.

O ano de 1873 foi um período marcado por repletas mudanças nos cenários econômicos e culturais da sociedade. A cultura e os costumes passaram por transformações significativas, principalmente no papel da mulher. De acordo com Meirelles (2008), as principais transformações com a chegada da família real no país foram no âmbito cultural, político, econômico, construindo uma nova estrutura para a colônia.

Em 1808, com a chegada da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro, aconteceu a inserção da imprensa no Brasil. No ano de 1822, período pós Independência, a imprensa tornou-se o veículo preferido para a divulgação e propagação de ideias, lutas e críticas políticas. Em Minas Gerais, no ano de 1823, a imprensa teve início

com o jornal *O Compilador Mineiro*, na cidade de Ouro Preto, em seguida foram surgindo outros jornais em diferentes lugares da Província. Assim, a imprensa passou a assumir o fundamental papel na formação de cidadão do Império.

O cenário de Minas Gerais estava marcado fortemente pelas lutas dos abolicionistas e dos republicanos, as pequenas folhas traziam a defesa da criação de escolas para os adultos, assim como defendiam a República. Com isso, o papel da imprensa foi ganhando força, disseminando ideias e questionamentos políticos. Chegando ao final do século XIX, repercutiram jornais dedicados a criação das mulheres, mas a maioria desses jornais eram escritos e editados por homens.

Segundo Oliveira (2010), a segunda metade do século XIX foi um período em que surgiram vários jornais femininos escritos e fundados por mulheres. O surgimento desses jornais foi devido à necessidade de conquistarem e ao mesmo divulgarem a conscientização para que as outras mulheres lutassem pelos seus direitos e conquistassem espaço. Dessa maneira, os jornais femininos oitocentistas apresentavam discursos de emancipação das mulheres, o direito de frequentar escolas e ter acesso a uma profissão, além disso, eram expostas seções com artigos sobre poesia, literatura, instrução, moda, receitas culinárias.

Francisca Senhorinha da Motta Diniz foi jornalista, professora de instrução primária, portanto, possuía privilégio de pertencer a uma classe letrada. Senhorinha Diniz fundou e comandou *O Sexo Feminino*, no interior de Minas Gerais. Por meio da escrita e do espaço público do jornal, ela compartilhava suas ideias em relação à educação e à busca pela emancipação feminina.

Nas edições do semanário *O Sexo Feminino*, eram reivindicados os direitos das mulheres, como também se apresentavam novas representações da mulher no século XIX, no Brasil, especificamente na cidade de Campanha, Minas Gerais. Nas publicações, diversos temas eram tratados, como problemas políticos, casamento, estudos, melhores condições para as mulheres na sociedade, isto é, a luta pelo direito a frequentar uma escola, a ter independência financeira, ao voto, e o principal: a não submissão à figura masculina.

Como já foi apresentado, o jornal feminino comandado por Senhorinha Francisca Diniz foi um dos primeiros administrados e escritos por mulheres, questionando o papel feminino na sociedade e trazendo textos reflexivos em relação à condição social das mulheres. Cabe ressaltar que, antes de Senhorinha Diniz, outras

mulheres também comandaram publicações jornalísticas, no entanto, apresentando um modelo de mulher restrito às modernidades culturais.

No ano de 1852, no Rio de Janeiro, a argentina Joana Paulo Manso de Noronha criou e fundou o *Jornal das Senhoras*. O jornal escrito por Joana tinha como objetivo buscar o melhoramento social e emancipação da mulher, mas o imaginário da mulher era apresentado como indissociável da função de educadora dos filhos. Assim, uma das fortes características de *O Sexo Feminino*, que aqui analisamos, é o confronto às outras revistas, as quais divulgavam os discursos com a ideologia de mulher sendo submissa à figura masculina e trazendo ensinamentos de como ser uma boa dona de casa, mãe e esposa.

Os conteúdos publicados no semanário *O Sexo Feminino* são importantes para a nossa sociedade levando-se em consideração que a redatora escrevia textos destinados às mulheres, incentivando-as a lutar pelo direito a frequentarem a universidade, a escola, o direito ao voto, o direito a aprender diversas coisas. Os conteúdos do semanário não apenas informavam, mas também inspiravam e mobilizavam as mulheres para reivindicar seus direitos e participarem ativamente na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Portanto, esses textos não são apenas importantes como documentos históricos, mas também como instrumentos de transformação social e empoderamento feminino.

A leitura das edições de 7 de setembro de 1873, 14 de setembro de 1873, 20 de setembro de 1873, 27 de setembro de 1873 e 25 de outubro de 1873, escritas e dirigidas por uma mulher, a educadora, jornalista, escritora e feminista Francisca Senhorinha da Motta Diniz, despertou curiosidade, tendo em vista que são arquivos valiosos sobre a evolução do papel feminino na sociedade. Assim, esta dissertação surgiu da necessidade de atribuir sentidos e investigar como os discursos influenciaram a construção da identidade e do imaginário da mulher no século XIX.

Diante das leituras realizadas, foram suscitados alguns questionamentos: como os discursos de Senhorinha Diniz, publicados em *O Sexo Feminino*, influenciaram a construção da identidade e do imaginário das mulheres oitocentistas? Quais representações as mulheres letradas faziam de si e das outras? Qual a heterogeneidade dos discursos de Senhora Francisca Diniz no semanário?

Desse modo, estabelecemos como objetivo geral investigar, através dos procedimentos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, como os discursos

escritos por Senhorinha Diniz influenciaram a construção do imaginário, a identidade social e discursiva feminina.

Os objetivos específicos estabelecidos a partir dos questionamentos levantados e relacionados sempre ao nosso objeto de análise são:

- Compreender os sentidos dos discursos sobre o casamento e a luta pelos direitos da mulher;
- Investigar as condições de produção dos dizeres dos discursos sobre as mulheres;
- Verificar a heterogeneidade dos discursos de Senhorinha Francisca Diniz apresentados no semanário.

Para constituir o *corpus* desta pesquisa, foi estabelecida a seleção de recortes das formações discursivas nas seções editoriais das edições de 7 de setembro, 14 de setembro, 20 de setembro, 27 de setembro e 25 de outubro de 1873. Assim, a partir das categorias da Análise de Discurso, foi analisado o *corpus* com a perspectiva de alcançar os objetivos e responder aos questionamentos instituídos.

De acordo com Ginzburg (2003), a Análise de Discurso é uma disciplina indiciária, assim o procedimento metodológico utilizado para esta pesquisa foi de caráter qualitativo. Destacamos que, para a escolha, construção e análise do *corpus*, nos embasamos nos aspectos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, atentando-nos ao fato de que na AD existe a relação entre teoria e análise.

Cabe ressaltar que, através do *corpus* selecionado para esta pesquisa, podemos analisar mais do que o acontecimento histórico e discursivo das mulheres, uma vez que se permite perceber as relações existentes entre religião, política, gênero e poder como dominantes nos lugares e nas identidades em 1873, considerando-se a existência de uma luta para a formação de cidadãos conscientes e a construção de uma sociedade justa para com as mulheres.

Esta dissertação é composta por três capítulos e foi desenvolvida a partir das leituras alicerçadas nos conceitos da Análise de Discurso pecheutiana trabalhados em Gadet e Hak (1993), Pêcheux (1997), Orlandi (2002), Gregolin (2007), Indursky (2007), Tfouni e Tfouni (2014) e Tfouni e Grigoletto (2020). No primeiro capítulo, apresentamos as características e a trajetória da imprensa feminina, trazendo elementos da história. No segundo capítulo, abordamos as categorias da Análise de Discurso e os procedimentos metodológicos. No terceiro capítulo, apresentamos a análise realizada com os mecanismos oferecidos. Nas considerações finais,

evidenciamos a nossa interpretação, concluindo a problemática exposta no trabalho, recapitulando os principais pontos e demonstrando resultados das nossas reflexões.

1 A imprensa no Brasil

Neste capítulo, exploramos o contexto histórico que envolveu a criação do semanário *O Sexo Feminino*, destacando os responsáveis por suas publicações e seu público-alvo. Analisamos a estrutura do jornal, incluindo sua frequência de publicação e suas características distintivas. Além disso, investigamos as transformações provocadas pela influência da imprensa nos cenários sociais, políticos e econômicos, especialmente no que diz respeito aos papéis das mulheres na sociedade.

Segundo Meirelles (2008), foi delineada uma nova estrutura para a colônia com a chegada da família real no Brasil, tendo em vista que desencadeou transformações, principalmente na área cultural, econômica e política. O surgimento da imprensa brasileira aconteceu em 1808, após a corte portuguesa chegar no Brasil, neste período, a imprensa era censurada pelos poderes civil e eclesial. A corte por meio do decreto do príncipe regente, D. João VI, instituiu a imprensa no dia 13 de maio de 1808, tendo em vista a necessidade de oficialização e divulgação dos decretos e de todos os papéis de caráter diplomático. Assim, no Brasil, a imprensa surgiu em momento que a sociedade estava passando por diferentes transformações.

A produção e a leitura dos jornais ficavam restritos as pessoas letradas. Neste sentido, os letrados faziam uma leitura dos periódicos em voz alta para que as pessoas que não eram letradas pudessem ouvir as informações. De acordo com Morel e Barros (2006a, p.29), no século XIX, os redatores dos jornais são “os letrados, os esclarecidos, ou seja, a opinião apontava como fruto da reflexão dos indivíduos ilustrados e se tornava pública na medida em que visava à propagação das Luzes do progresso.”.

A chegada da corte no Brasil impulsionou o desenvolvimento no aspecto cultural e intelectual da sociedade brasileira, dando espaço para um público leitor e consumidor de jornais. No século XIX, o uso do jornal era considerado uma prática e expressão moderna, proporcionando um espaço para a formação, instrução, assim como a divulgação de ideias e debates políticos.

De acordo com Meirelles (2008), os panfletos e jornais teve surgimento em 1821 e 1822, apresentando sobretudo assuntos políticos. Quando as atividades de imprensas foram liberadas, a procura por publicação de jornais, livros e folhetos obtiveram um aumento, assim surgindo e fundando novas tipografias estimulando a prática de impressões no Brasil.

O folhetim foi um fator forte para a ampliação do jornal, levando em consideração que na primeira página era reservado para a divulgação de obras literárias periódicas, isto é, os romances brasileiros inicialmente foram divulgados em folhetins de jornais, anos depois passaram a ser escritos e vendidos em livros. Os folhetins tiveram uma contribuição significativa para a expansão das tiragens e das vendas de modo avulso.

Nas rodas de conversas eram vistas a leitura coletiva dos folhetins, por mais que nem todas as pessoas fossem alfabetizadas, elas participavam do universo de leitores, ou seja, ouvindo os relatos. A partir das leituras coletivas, aconteciam a circulação dos assuntos divulgados nos jornais, isto é, o público não era estritamente do leitor, mas também do ouvinte. Em concordância com Morel e Barros (2006a, p. 45), “a leitura, como nos tempos então recentes do Antigo Regime, não se limitava a uma atitude individual e privada, mas ostentava contornos coletivos. Nesse sentido, a circulação do debate político ultrapassava o público estritamente leitor”.

As mulheres oitocentistas grande parte não sabia ler, no entanto, participavam de momentos de interações sociais, ou seja, rodas de conversa, ouviam a leitura dos romances expostos nos folhetins dos jornais. Nas palavras de Morel e Barros (2006b, p. 59), “o público feminino foi importante para o desenvolvimento da literatura romântica e conseqüentemente da imprensa, já que os romances de folhetim impulsionavam a vendagem dos jornais”.

A literatura no século XIX andava lado a lado com o jornalismo, os textos jornalísticos possuíam características da literatura. Segundo Morel e Barros (2006b), o jornalismo levou tempo para ter as suas próprias características sistematizadas, passando a não ser confundido com a literatura.

Percebe-se que a imprensa proporcionou a articulação econômica, social e política para a sociedade brasileira oitocentista. Especificamente o periódico foi o instrumento de comunicação mais utilizado para a propagação de ideias e pensamentos, assumindo na sociedade um espaço que permitia e incentivava os debates e as formações de opiniões públicas.

1.1 A imprensa Feminina

Nas palavras de Perrot (1998, p. 77), “inicialmente a imprensa é um mundo masculino, de que as mulheres vão lentamente se apropriando. Não sem dificuldade”.

Neste sentido, o século XIX foi marcado por diversas conquistas, principalmente, pelo início da pequena atuação das mulheres no cenário das letras. As mulheres lutavam pelos seus direitos, um deles o de frequentar a escola e ter educação de qualidade. A sociedade oitocentista não era comum a presença de mulheres em ambiente escolar, isto é, a maioria das mulheres recebiam a instrução e educação em casa.

Na segunda metade do século XIX um número razoável de mulheres são tidas como alfabetizadas, que se interessavam pela poesia e os romances-folhetins, muitas vezes saboreados em conjunto, lidos pelas pessoas de maior talento teatral e voz mais harmoniosa, enquanto a família, ao redor, escutava avidamente [...] (Morel; Barros, 2006b, p. 60).

Diante do exposto, percebe-se que mesmo a maioria das mulheres não frequentando o ambiente escolar, não acontecia nenhum impedimento para o envolvimento com a leitura e a escrita. Assim, nota-se que a prática de leitura e de escrita, tornaram-se realidade da vida das mulheres no lar, levando em consideração a prática de leitura coletiva e individual que não era restrito apenas para ambiente escolar.

A restrição a frequentar ambiente escolar ocasionou a integração de forma lenta à vida intelectual das mulheres brasileiras da época. Poucas mulheres tinham acesso ao estudo. Desse modo, a inserção da presença de mulheres escritoras de jornais começaram a ser vistas a partir de 1823.

Em concordância com Duarte (2016), os jornais e revistas foram os principais espaços da resistência e divulgação da produção letrada feminina. As elaborações dos periódicos femininos tinham duas linhas tênues: a linha que apresentava e divulgava discursos com ideologias emancipatórias materializadas e outra com ideais do conservadorismo.

O Espelho Diamantino, o qual foi publicado em 1827, foi o primeiro periódico destinado às mulheres. Neste periódico, tinha como subtítulo a seguinte frase: “Periódico de política literatura, belas-artes, teatro e modas, dedicado às senhoras brasileiras”. Apresentava temas de interesse das mulheres da época, especificamente da corte. Este periódico mesmo sendo voltado para o público feminino, quem escrevia e editava era Pierre Plancher, ou seja, o lugar de fala não era o da mulher.

Em 1855 foi lançado o primeiro periódico escrito e editado por uma mulher, sendo assim dando voz ao lugar de fala feminino. O *Jornal das Senhoras*, foi fundado em 1855, com o comando de Joana Paulo Manso de Noronha, deixando uma grande

marca na história da imprensa feminina brasileira. A publicação deste periódico contribuiu abrindo os caminhos para que outras mulheres se inspirassem e lutassem pelos direitos. Este jornal tinha como subtítulo a seguinte frase: “Modas, literatura, belas artes, teatros e crítica”, mas tinha como objetivo despertar nas mulheres a vontade de reivindicar por melhores condições na educação, assim como acabar com a restrição no mercado de trabalho e incentivar a busca pela emancipação moral feminina.

O jornal nomeado de *O Domingo*, foi fundado em 1873, a proprietária e principal redatora era Violante A.X. de Bivar. Nas páginas eram apresentados textos literários e biografias de mulheres que eram destaques, com o intuito de incentivar o público-alvo feminino a buscar a emancipação e a lutar pelos direitos.

O *Echo das Damas*, comandado por Amélia Carolina de Silva Couto, foi criado em 4 de julho de 1879, na cidade do Rio de Janeiro. O jornal apresentava temas em defesa da educação para as mulheres, a valorização da mulher em seu ambiente familiar e o processo emancipatório financeiro da mulher. Nas páginas do jornal era evidenciado as críticas aos costumes da época, a reivindicação ao voto, o compartilhamento de poesias escritas para/por mulher e as conquistas da figura feminina em trabalhos considerados masculinos.

No ano de 1873, a imprensa feminina estava dividida entre os periódicos que lutavam pelos e defendiam os direitos das mulheres, por exemplo, o direito a frequentar a escola e a universidade, assim como o de serem emancipadas; por sua vez, outros periódicos proferiam discursos com ideologias patriarcais e machistas, trazendo o foco para as pautas de fragilidades e delicadezas do universo feminino, bem como maternidade, moda e cuidado com o lar. No entanto, o periódico chamado *O Sexo Feminino* divulgava discursos que mesclavam o que era imposto pelas formações ideológicas feministas e machistas.

No Brasil, a imprensa foi de grande importância para que as mulheres divulgassem os anseios e as lutas em busca da igualdade de direitos. Nesse sentido, o semanário proposto como *corpus* para análise deste estudo manifestava-se como porta-voz de opiniões das mulheres que viviam naquela época. Em outras palavras, o periódico tinha como objetivo fazer circular o novo modelo de ser mulher, rompendo com o tradicional.

1.2 O Sexo Feminino

Em 1873, na cidade de Campanha de Minas Gerais, foi publicada a primeira edição do jornal. Durante os anos de 1873 e 1874, o jornal era produzido e impresso na cidade de Campanha. No sul do estado tinha uma tipografia do senhor José Joaquim da Silva, esposo de Senhorinha Francisca Diniz, a fundadora do jornal *O Sexo Feminino*. No ano de 1875, após receber uma proposta da Corte, Senhorinha Diniz optou em morar no Rio de Janeiro.

Levando em consideração a mudança, as novas edições do jornal eram a respeito da sociedade do Rio de Janeiro. Após completar 1 ano de fundada e da primeira publicação, o jornal sofreu uma alteração de localização. Assim, a cidade Campanha em 7 de setembro recebeu a última publicação de 1874. No dia 22 de julho de 1875, na cidade do Rio de Janeiro, aconteceu a primeira publicação da edição do jornal *O Sexo Feminino*.

Nos dois primeiros anos de jornal, a estrutura do jornal tinha como subtítulo “semanário dedicado aos interesses da mulher”, uma antecipação e identificação do que vai ser abordado nas leituras. Apenas no terceiro ano de existência do jornal que o subtítulo sofreu uma modificação, começando a ser “semanário literário, recreativo e noticioso dedicado especialmente aos interesses da mulher”.

O termo “interesse” carrega o significado que vai trazer benefícios e vantagens para a formação. A palavra “especialmente” trata-se de um advérbio que restringe para quem vai ser os benefícios adquiridos com a leitura do jornal. Portanto, percebemos que mesmo com a alteração do subtítulo, a antecipação, identificação e foco continuam sendo direcionados ao público feminino, tendo em vista as expressões utilizadas.

Na capa é exposta uma citação de uma frase da escritora francesa Aimé Martin, “É pelo intermédio da mulher que a natureza escreve no coração do homem”. Nesta frase, notamos o destaque sobre a importância complementar que a mulher exerce na sociedade e enfatiza a influência que a figura feminina tem na formação dos sentimentos e do caráter dos homens. A frase utilizada na capa apresenta a revelação de um posicionamento que a redatora do jornal tem sobre o papel da mulher em relação ao homem, um posicionamento complementar como a costela de Adão, sendo assim uma identificação com a ideologia tradicional. Isto posto, enfatizamos a heterogeneidade discursiva e as posições de contraidentificações e identificações

ideológicas. Ressaltamos que a citação escolhida por Senhorinha Diniz, foi extraída da obra “Educação das mães de família ou A civilização do gênero humano”, de Aimé Martin, livro que foi premiado pela Academia Francesa no ano de 1840 e ganhou a tradução para a língua portuguesa.

Sobre a estrutura do jornal verificamos que seguia o padrão daquela época, sendo dividida em quatro páginas, possuindo uma formatação simples, não possuía gravuras, tinha bordas e alguns enfeites em algumas seções. Observamos que a primeira página se tratava da capa do semanário, contendo um cabeçalho com o nome do jornal, o subtítulo, a data de publicação, a cidade em que estava sendo impresso, o preço das assinaturas mensais e por semestres, o total de publicação por semana, o nome das colaboradoras e proprietária, e uma observação que as correspondências tinham que ser dirigidas para Senhorinha Francisca da Motta Diniz.

Analisando os exemplares podemos descrever que nas páginas de *O Sexo Feminino* eram abordados temas como os de receitas culinárias, as poesias da rica literatura, sobre o corpo humano apresentando a anatomia, o estudo da língua portuguesa focando nas normas gramaticais, divulgação de eventos culturais, de produtos e de notícias que despertassem o interesse dos leitores daquela época. Dessa forma, as seções das edições do jornal eram divididas em editorias, folhetins, noticiários, anúncios, literatura e variedades. Todos os conteúdos trabalhados nas seções de forma direta ou indireta tinham uma relação sobre o universo da mulher.

Os textos do semanário eram organizados em duas colunas, direcionando a leitura do leitor para os lados da página. Os anúncios eram colocados na última página, espaço para a divulgação de festas, serviços, apresentações de peças teatrais, produtos de higiene e beleza. A seção editorial e as outras seções estavam organizadas em duas colunas, sendo assim direcionando a leitura de um canto da página para o outro. Os anúncios ficavam expostos nas últimas páginas do semanário, sendo divulgadas as festas, as peças de teatro, literatura, entre outras coisas. A seguir, uma imagem do exemplar da primeira edição de *O Sexo Feminino*.

Figura 1 - Capa do jornal *O Sexo Feminino* - 7 de setembro de 1873.



Fonte: Diniz (1873).

De acordo com os dados apresentados no recenseamento do IBGE de 1872, a cidade de Campanha-MG possuía aproximadamente 20 mil habitantes, sendo que em torno de 1458 desses habitantes eram mulheres e que eram alfabetizadas. Na capa do jornal mostra que a tiragem do jornal era de 800 exemplares, um número elevado ao fazermos comparações com a quantidade de analfabetos que tinham no Brasil. Vale ressaltar que a maior parte das consumidoras desde jornal eram de uma classe média e alta, levando em consideração o valor que era cobrado pelas assinaturas semestrais e anuais.

O ambiente escolar no período oitocentista não era comum a presença de mulheres. O século XIX, obteve como marca as pequenas atuações da figura feminina na área das letras. Em concordância com Morel e Barros (2006a), foi a partir da segunda metade do século XIX, que uma quantidade razoável de mulheres foi considerada alfabetizadas, elas demonstravam interesse pelas leituras de poesias e dos romances-folhetins. A restrição no ambiente escolar não se tornava um impedimento para o envolvimento da mulher com a leitura e escrita, considerando os momentos de leitura proporcionados pela aquisição de periódicos.

A integração relacionada à permissão ao direito de uma formação escolar, ou seja, a participação ao acesso da vida intelectual, aconteceu lentamente, levando em consideração que a figura feminina tinha restrição para participar em alguns espaços e funções na sociedade. Algumas mulheres consideradas alfabetizadas tinham a coragem de expor os trabalhos literários e reflexões na imprensa. Nas reflexões eram apresentadas ideologias nas quais se identificavam.

No século XIX, encontramos duas direções bem definidas na imprensa feminina: a tradicional, que não permite liberdade de ação fora do lar e que engrandece as virtudes domésticas e as qualidades “femininas”; e a progressista, que defende os direitos das mulheres, dando grande ênfase à educação (Buitoni, 2009, p.47).

Como já foi comentado no subcapítulo anterior, *O Sexo Feminino* não foi o primeiro semanário com assuntos voltados a mulher, haja vista que já existiam outros, mas com a direção de modelos da ideologia tradicional como base. Consequentemente, a imprensa feminina, no século XIX, apresentava duas direções definidas, sendo elas: 1 – os jornais que destacavam-se expondo modelos que engrandeciam as virtudes da mulher submissa à figura masculina e cuidadora do lar; 2 – os jornais que compartilhava a ideologia progressista, defendendo os direitos das mulheres, enfatizando o direito à educação.

O *corpus* dessa pesquisa está inserido no modelo de imprensa feminina, no entanto, trazendo uma diferença ao ser feita por mulheres e destinadas para mulheres. Neste sentido, trazendo o imaginário de uma mulher que conquistou o espaço que era apenas permitido para os homens, ou seja, redatora, escritora e proprietária de um jornal.

A trajetória do jornal *O Sexo Feminino*, destaca-se como um marco significativo na imprensa feminina do século XIX no Brasil. Este periódico não apenas abordou temas de interesse e formação para as mulheres, mas também serviu como um veículo de expressão e resistência em uma época de restrições educacionais e sociais para o gênero feminino. A mudança do jornal de Campanha para o Rio de Janeiro, juntamente com a evolução de seu subtítulo, reflete uma ênfase crescente na educação e nos direitos das mulheres. Ao oferecer uma plataforma onde mulheres alfabetizadas podiam publicar suas ideias e influenciar a sociedade, *O Sexo Feminino* exemplificou o impacto progressista na luta pela emancipação feminina, destacando a importância de uma imprensa feita por mulheres e para mulheres.

1.3 Senhorinha Diniz

Francisca Senhorinha da Motta Diniz, conhecida como Senhorinha Diniz, filha da senhora Gertrudes Alves Mello e do senhor Eduardo Gonçalves da Motta, nasceu em 1834, em São João Del-Rei, Minas Gerais. Uniu-se em matrimônio com José Joaquim da Silva, formado em advocacia, proprietário do jornal chamado *O Monarchista* e professor. José Joaquim e Francisca Diniz tiveram três filhas, sendo elas, Amélia Diniz, Albertina Diniz e Elisa Diniz. As filhas eram colaboradoras do jornal *O Sexo Feminino*.

O marido de Senhorinha Diniz era um monarca, apoiador e amigo de Dom Pedro II. Desse modo, podemos mencionar que a redatora de *O Sexo Feminino* pertencia a classe alta e elite da sociedade brasileira, ou seja, tinha privilégios.

Com base nas leituras das edições da imprensa feminina comandada por ela, percebemos que o imaginário formado de Senhorinha Diniz se trata de uma mulher que possui amplo conhecimento de culturas nacionais e internacionais, que é mãe, esposa, professora, redatora e empreendedora na área do jornalismo. Na Vila de Uberaba em Minas Gerais, aconteceu a primeira atuação no magistério de Senhorinha. Logo, percebemos nas primeiras linhas do editorial da primeira edição a forte demonstração de engajamentos no interesse à educação das mulheres.

Senhorinha Diniz era uma ilustre escritora que teve a ousadia de fundar uma imprensa feminina focada na defesa dos direitos da mulher no Brasil, além de ocupar uma cadeira no magistério. Com a mudança de moradia para o Rio de Janeiro, a proprietária de *O Sexo Feminino*, juntou-se com Maria Constança de Sá para fundarem o Colégio Maternal Nossa Senhora da Penha, localizado no Rio de Janeiro. O colégio começou a funcionar em agosto de 1875, recebendo para educar meninos de 4 à 10 anos de idade.

Como já foi comentado, Senhorinha Diniz também se destacava no empreendedorismo, na função de redatora, dedicando-se não somente ao magistério, mas também a imprensa. Em 1873 fundou na cidade de Campanha *O Sexo Feminino*, mantendo suas edições até 1874. A partir de 1875, a imprensa feminina criada por Senhorinha Diniz mudou para a cidade do Rio de Janeiro, foi pausada as publicações durante 14 anos, voltando a publicar em 1889 e finalizando as edições do jornal inovador e essencial para a instrução das mulheres.

Durante a pausa nas publicações da imprensa que era proprietária, Senhorinha, no ano de 1880 começou a redigir semanários de *A Primavera* e *a Voz da Verdade*, no Rio de Janeiro. Ela deu colaborações em uma revista semanal de moda chamada de *Estação*, que teve suas publicações entre os anos de 1879 e 1904.

Além disso, Senhorinha Diniz escreveu um livro com a colaboração da filha Albertina Diniz, a obra recebeu o nome de *A judia Rachel*. No entanto, o livro foi editado e publicado em 1886, na tipografia Reis, por José de Assis Climaco Reis, na cidade do Rio de Janeiro. Neste sentido, percebemos que ainda se faz necessário a presença da figura masculina para publicações de livros no Rio de Janeiro.

A construção da identidade de Senhorinha Francisca Diniz, tem momentos oportunos com a prática do jornalismo, considerando que o semanário comandado por ela, ofereceu o espaço para que se identifica e revelasse o seu posicionamento em relação ao imaginário e identidade que a sociedade tinha da mulher brasileira, especificamente no século XIX.

Existe o imaginário da mulher que escreve para *O Sexo feminino*, projetando a Senhorinha Diniz para as publicações impressas. Neste sentido, analisando os discursos desta imprensa feminina, percebemos a formação imaginária da jornalista, da mulher oitocentista e da sociedade brasileira em 1873. Por meio de análise, notamos que o imaginário de Senhorinha Diniz sempre aparece vinculado nos discursos de *O Sexo Feminino*, de forma direta ou indireta.

Sendo uma escritora, professora e jornalista, Francisca Senhorinha da Motta Diniz, exerceu um papel fundamental para a população brasileira especialmente para as mulheres, levando em consideração os assuntos abordados em *O Sexo Feminino*. A sua atuação no mundo jornalístico proporcionou contribuições relevantes para a conscientização e a igualdade de gênero feminino no país.

2 CATEGORIAS DA ANÁLISE DE DISCURSO

Neste capítulo, apresentamos e explicamos os conceitos selecionados dos aspectos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa utilizados para sustentar a nossa análise.

A princípio, ressaltamos que a AD tem como objetivo explicar e estudar como o discurso funciona e produz os sentidos na prática. De acordo com Orlandi (1999, p. 15), “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”.

Assim, a Análise de Discurso de linha francesa, embora tenha interesse na gramática e na língua, não trata sobre elas, tendo em vista que a AD é uma disciplina que busca compreender como o homem pode “significar e significar-se” através do discurso por ele produzido.

Na década de 60, surgiu a disciplina Análise de Discurso de linha francesa, que tem como base três áreas de conhecimento, sendo elas: Psicanálise, Linguística e Marxismo. Apesar de a Análise de Discurso ser herdeira das três disciplinas mencionadas anteriormente, ela questiona a historicidade deixada de lado pela Linguística, o simbólico prescindido pelo Materialismo e a relação do inconsciente e da materialidade da ideologia na Psicanálise. Na Análise de Discurso, temos como principal teórico Michel Pêcheux, que defende a noção de que a ideologia se torna materializada no discurso e que a AD é uma disciplina que tem como foco explicar o funcionamento do discurso.

Além disso, concebe-se que a língua na AD é trabalhada levando-se em consideração a produção de sentidos dos discursos dos sujeitos na sociedade. A linguagem, por sua vez, não é transparente, mas sim uma linguagem opaca. Em suma, o simbólico é afetado pelo real da história, e o sujeito de linguagem não é centrado. Dessa maneira, o sujeito discursivo funciona por meio do inconsciente e da ideologia.

2.1 A influência da ideologia na construção do sujeito

Na Análise de Discurso, é trabalhada a relação língua, discurso e ideologia em razão de que um elemento depende da relação com o outro. Orlandi (1999, p. 17)

assinala que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. A ideologia torna-se materializada no discurso, e o discurso é a língua em funcionamento. Nesse sentido, os discursos possuem grande influência na formação de um sujeito, tendo em vista que os sujeitos evidenciam ou se identificam com uma ideologia.

Para a vertente pecheutiana da Análise de Discurso, a ideologia não é uma inversão da realidade, mas sim o fato de que onde existe uma linguagem há uma interpretação. Nessa perspectiva, quer dizer que o fato, mesmo que seja um objeto simbólico, deve ser interpretado, funcionando ligado à interpretação. A ideologia é conceituada como a representação de visões de mundo, de pensamentos e de ideias, e é com ela materializada no discurso que conseguimos justificar, bem como explicar, a ordem social das condições da vida do indivíduo.

Tfouni e Grigoletto (2020, p. 4817), por sua vez, apresentam a função da ideologia conceituada por Althusser, dizendo que “[...] sedimenta um determinado imaginário social, como o que se espera”. Assim, para Althusser, a ideologia é definida como a representação da relação imaginária que acontece entre os indivíduos em relação às suas condições reais de existência.

Consoante Orlandi (1999), a ideologia é a prática da interpretação e do inconsciente, sendo o efeito da relação do sujeito com a língua e a história. Os processos culturais e históricos colaboram na constituição dos discursos e, por conseguinte, materializam as ideologias.

A formação discursiva tem associação com a forma-sujeito, como também com as posições tomadas pelo sujeito no discurso. Conforme Indursky,

[...] não é só lícito falar em ideologia, como é ela, juntamente com o sujeito, que é tomada como princípio organizador da formação discursiva. Redizendo e já me posicionando: é o indivíduo que, interpelado pela ideologia, se constitui como sujeito, identificando-se com os dizeres da formação discursiva que representa, na linguagem, um recorte da formação ideológica (2007, p. 84).

Reiteramos que o sujeito é interpelado, visto que formula a formação discursiva a partir da interpelação com alguma ideologia. Em suma, todos os enunciados são fundamentados com alguma ideologia em virtude de que existem regularidades naquilo que pode e deve ser dito na situação em que o sujeito se encontra.

Em concordância com Carneiros e Soares (2003), os grupos sociais têm representações heterogêneas que aproximam os membros da comunidade à cultura e às visões do mundo. Com efeito, as representações trazem a materialização das ideologias e os modelos a serem seguidos na construção da identidade do indivíduo em seus discursos.

Trazemos a afirmativa de que todo o dizer de um sujeito membro de um grupo é coagido por aquilo que o grupo diz. Nas palavras de Pêcheux ([1975] 1995, p. 214), “A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina”. Dessa forma, o indivíduo é interpelado em sujeito do discurso e assujeitado pela ideologia através da formação discursiva com a qual se identifica em determinado grupo social. A partir dessa e de outras colocações deste estudo é que poderemos trabalhar com a categoria identidade na análise do *corpus*.

Em conformidade com Orlandi (1999), afirmamos que a ideologia é uma peça fundamental para a constituição do sujeito e dos sentidos, tendo em conta que o indivíduo precisa ser interpelado em sujeito do discurso pela ideologia para que aconteça a produção dos dizeres. Assim, na AD, o sujeito não é empírico, considerando-se que toma posição-sujeito perante a ideologia que o constitui em sujeito.

Para a Análise de Discurso, a identidade é de natureza discursiva, levando-se em consideração que a identidade é construída a partir dos discursos produzidos nas práticas sociais. Segundo Gregolin, é importante que na análise de discurso se tenha a compreensão dos sentidos que são produzidos nos textos circulados na mídia, assim “podemos perceber sua função na produção social das lutas pelas construções/reconstruções das identidades” (2007, p. 23).

Tendo como ponto de partida o discurso, encontramos modelos do modo de se comportar, falar e dos posicionamentos ideológicos. Gregolin (2007, p. 23) afirma que “não há, nos discursos da mídia, apenas reprodução de modelos – ela também os reconstrói, reformata, propõe novas identidades”. Portanto, encontramos nas formações discursivas entrelaçadas com as formações ideológicas modelos e a construção de identidades para os sujeitos.

Segundo Lima (2019, p. 46), “O pertencimento e a identidade não possuem tanta solidez, porque não são garantidos para toda vida. Ambos são bastante negociáveis e vão se moldando, de acordo com as decisões tomadas pela pessoa”.

Logo, a identidade não é fixa, a cada determinada situação o sujeito vai se adaptando, se moldando ou se reinventando. Por exemplo: a menina que desde a infância é ensinada a ser submissa, frágil e dócil molda, ao atingir a adolescência ou a vida adulta, a sua identidade sendo uma mulher forte e independente.

No artigo “O indivíduo na sociedade líquido-moderna e a identidade nacional”, utilizando como base teórica os dizeres do sociólogo Zygmunt Bauman, Lima (2019, p. 44) comenta que “O indivíduo, por mais tímido que seja, necessita de uma convivência no meio social, porque ele não está sozinho como ser humano”.

Sobre a construção de identidade, podemos mencionar a teoria do sociólogo Zygmunt Bauman, na qual, assim como Sigmund Freud, afirma que o sujeito constrói a sua identidade a partir da interação com seus semelhantes, ou seja, a construção do “Eu” é dependente do meio social. Na interação social em que os discursos são divulgados, os sujeitos se identificam e constroem as suas identidades.

De acordo com Tfouni e Tfouni (2014, p. 118), “as revistas fornecem modelos de identificação ao sujeito, moldando seu eu (ego) de modo que o sujeito só pode se identificar com o que está disponível no mundo, com aquilo que está posto”. Em outras palavras, através dos discursos das revistas, os sujeitos-leitores se assujeitam ideologicamente, assumindo uma posição.

O modo como o sujeito se comporta, fala e se relaciona com os outros é construído socialmente; sendo assim, os indivíduos dependem dos modelos divulgados para a sua formação.

A linguagem e o pensamento possibilitam o surgimento das formações ideológicas e discursivas, constatando que o pensamento é a fonte da ideologia e que é através da linguagem que a ideologia se torna materializada nos discursos. Diante disso, as formações ideológicas se concretizam nas formações discursivas.

As formações discursivas são definidas como tudo aquilo que pode ser dito. É na formação discursiva que o sujeito apresenta a sua posição ideológica sobre determinado assunto. Assim, as formações discursivas possuem uma relação direta com as formações ideológicas. Nas considerações de Pêcheux,

Formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc. (1995 [1975], p. 160).

De acordo com Pêcheux (1995 [1975]), existem três modalidades de tomada de posição do sujeito, isto é, modalidades nas quais o sujeito tem o assujeitamento, se identificando com determinadas formações discursivas.

Segundo Indursky (2007), na tomada de posição do sujeito, são regulados os “dizeres e saberes” do sujeito discursivo. Sendo assim, acontece o processo de identificação, contraidentificação ou desidentificação do sujeito com aquilo que pode e deve ser dito no discurso. A formação discursiva é organizada a partir da tomada de posição.

Em relação à tomada de posição, temos que a primeira modalidade é conhecida como identificação, na qual existe a superposição do sujeito enunciativo com o sujeito universal. A “livre” tomada de posição do sujeito é a de um assujeitamento total.

[...] superposição caracteriza o discurso do bom sujeito que reflete espontaneamente o Sujeito, em outros termos: o interdiscurso determina as formações discursivas com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica, sendo que o sujeito sofre cegamente essa determinação, isto é, ele realiza seus efeitos em plena liberdade (Pêcheux, 1995 [1975], p. 215).

Na segunda modalidade, o sujeito se contrapõe aos saberes da FD e da forma-sujeito. Segundo Pêcheux (1995 [1975], p. 215), “caracteriza o discurso do mau-sujeito, discurso no qual o sujeito da enunciação se volta contra o sujeito universal por meio de uma tomada de posição que consiste, desta vez, em uma separação”. Isso quer dizer que o sujeito do discurso critica a formação discursiva na qual está inscrito, mas sem abandoná-la.

Já na terceira modalidade, acontece o que chamamos de desidentificação, isto é, o sujeito rompe com a FD na qual estava inscrito e começa a se identificar com uma nova. Nas palavras de Pêcheux (1995 [1975], p. 217), “na realidade o funcionamento dessa terceira modalidade constitui um trabalho (transformação-deslocamento) da forma-sujeito”.

2.2 Condições de produção dos discursos femininos no Brasil

Segundo Orlandi (1999, p. 39), “Um discurso aponta para os outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros”. Os dizeres do sujeito do discurso

sempre fazem referência a algo que já foi dito em discursos anteriores, recorrendo ao que chamamos de memória discursiva. De acordo com a estudiosa,

A memória por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em situação discursiva dada (Orlandi, 1999, p. 31).

O interdiscurso é conceituado e compreendido como resultado de um já dito e um já esquecido, considerando que temos a ilusão de que o discurso é nosso, mas qualquer discurso já foi dito por alguém em algum momento. Assim, no nosso discurso sempre acabamos retomando algo que alguém já trouxe discursivamente.

Na Análise de Discurso pecheutiana, é apresentado que existem dois tipos de esquecimento, sendo eles: o esquecimento número um, ou esquecimento ideológico, e o esquecimento de enunciação. O primeiro tipo de esquecimento é o modo como o sujeito é afetado pela ideologia e acaba criando a ilusão de que o discurso se originou dele. E, no segundo esquecimento, acontecem os processos parafrásticos, assim permanecendo o sentido original mesmo com o modo de dizer diferente.

Na produção de um discurso, sempre se recorre aos processos parafrástico e polissêmico. A paráfrase é quando acontece a repetição de um dizer sem deslocar o sentido, assim é produzido com uma formulação diferente, mas continuando com o mesmo sentido, mantendo a memória discursiva. Já no processo polissêmico, acontece a ruptura da significação, isto é, o sentido da frase é deslocado. Desse modo, a polissemia é a criatividade; a paráfrase, a produtividade.

O discurso é pronunciado respeitando-se a condição de produção imposta, ou seja, considerando e compreendendo o sujeito, a situação, o que pode e deve ser dito no discurso, bem como incluindo os contextos sócio-histórico e ideológico na produção do discurso. Nas palavras de Orlandi (1999, p. 39),

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos relação de sentidos. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de

relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros.

Dessa forma, o discurso pode ser entendido nas condições de produção, tendo em vista que são envolvidos o que vai ser dito (através do discurso), o sujeito (quem vai falar), a situação (local e tema abordado) e o interlocutor (o ouvinte do discurso).

De acordo com Orlandi (1999), o sujeito pode experimentar o lugar de interlocutor e ter uma antecipação dos efeitos de sentido causados pelo seu discurso, assim permitindo que sejam criadas novas possibilidades até chegar o efeito de sentido pretendido.

2.3 O imaginário do homem e da mulher no século XIX

Na Análise de Discurso, as formações imaginárias são conceituadas como as imagens projetadas que o sujeito faz dos outros e de si mesmo. Podemos dizer que o imaginário é constituído histórica e socialmente. Temos como exemplo a ideia de que a mulher deve ser submissa ao homem, e isso a partir de posicionamentos ideológicos e imaginários machistas e patriarcais. Outro exemplo é a ideia de que a mulher deve ser tratada igualmente ao homem e ter liberdade de escolha, seguindo a ideologia feminista. Desse modo, em ambos os exemplos, através de formações discursivas e formações ideológicas, notamos as formações imaginárias sendo construídas, quer dizer, a imagem projetada sobre o outro.

Para a Análise de Discurso, as formações imaginárias têm relação entre o sujeito A e o sujeito B; em outras palavras, temos a visão que os sujeitos A e B têm sobre si mesmos e o questionamento de quem é o outro para que eles falem e projetem a imagem de certa maneira. Na concepção de Pêcheux,

IA(A): Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A - Quem sou eu para lhe falar assim? IA(B): Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A - Quem é ele para que eu lhe fale assim? IB(B): Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B - Quem sou eu para que ele me fale assim? IB(A): Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B - Quem é ele para que me fale assim? ([1975] 1995, p. 83).

Tfouni e Grigoletto (2020) afirmam que é no jogo de projeção de imagens que acontecem o funcionamento da ideologia e, é claro, a interpelação do indivíduo em

sujeito discursivo, o qual toma posições ideológicas sobre determinado tema. Podemos ressaltar, assim, que é possível perceber a relação de identificação e assujeitamento ideológico dos sujeitos na Análise de Discurso. Nas palavras de Tfouni e Grigoletto (2020, p. 4820),

[...] movimentos de identificação, contra ou desidentificação do sujeito se dão a partir do processo de interpelação do sujeito, é que a tomadas de posição, representadas por esses movimentos, resultam, entre outras coisas, das projeções imaginárias, uma vez que é ideologia que sedimenta determinados imaginários sobre os lugares sociais ocupados pelo sujeito.

Nesta pesquisa, é analisado o imaginário da mulher na sociedade oitocentista brasileira, especificamente na cidade de Campanha- MG, através de discursos expostos no meio de comunicação *O Sexo Feminino*. Na sociedade são preestabelecidos imaginários atribuídos a mulher e ao homem.

No século XIX, as qualidades, costumes e modos preestabelecidos para os homens era a função de ser o provedor, o protetor, a pessoa responsável por administrar o dinheiro e sair para trabalhar. Outras características também eram atribuídas, de acordo com Ambra (2012, p. 17):

Desde as mais conservadoras representações que ensinam a meninos que homem é quem bate, oprime e silencia o outro, até aquelas segundo as quais é o dever de todo homem desconstruir-se, reconhecer e abrir mão de sua miríade de privilégios, parece que estamos frente a uma pluralidade de ideias que acabam por se reduzir a uma gramática rígida de injunções.

A construção de homens opressores e silenciadores formava a maioria da sociedade de Minas Gerais e do Brasil. O estereótipo do homem sendo representado pela força, oculto de emoções, viril, provedor, ativo, sem vaidade está enraizado na cultura. No semanário *O Sexo Feminino*, observamos uma representação da imagem masculina daquela época, sendo os homens vistos como opressores, insensatos e que tinham a visão da mulher sendo inferiorizada a eles.

O imaginário da masculinidade tradicional era composto também pelas características do homem ser violento, isto é, praticando violência física ou verbal contra a mulher para mostrar a superioridade. Logo, a submissão da figura feminina à figura masculina era uma prática comum de ser vista na sociedade alicerçada com os

dizeres patriarcais e religiosos. Observamos que nos discursos do *corpus* dessa pesquisa, existe a marca da formação imaginária de como os homens oitocentistas tinha da mulher.

Em anexo a tabela com a formação imaginária do protagonista do discurso em relação a Senhora Francisca Diniz Motta e os homens que seguem as ideologias tradicionais:

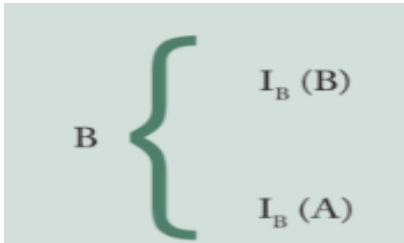
Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja resposta subentende a formação imaginária correspondente.
A: O sujeito colocado em A trata-se de Senhorinha Francisca Diniz Motta.  B: O sujeito colocado em B trata-se dos homens da cidade de Campanha, MG, no ano de 1873. 	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A. Uma escritora mulher e proprietária de uma imprensa feminina. Com a responsabilidade de compartilhar saberes com a sociedade. Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A. A imagem de B é de um homem provedor, com ideologia tradicional, mas sendo tratado pelo sujeito A de forma igualitária. Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B. Provedor da casa, autoridade maior do lar e se acha superior à figura feminina. Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B. Por mais que a mulher esteja em uma posição superior, tem a imagem inferiorizada.	Quem sou eu para lhe falar assim? Uma mulher em seu “lugar de fala”, embora a AD estude a posição do sujeito do discurso. Escritora, alfabetizada, mãe e esposa. Quem é ele para que eu lhe fale assim? Homens do século XIX, provedores da família. Quem sou eu para que ele me fale assim? O pai de família, homem, provedor. Quem é ele para que me fale assim?

Tabela construída baseada nas formações imaginárias relacionadas aos protagonistas do discurso (Pêcheux [1975] 1995, p. 83).

Em anexo a tabela com a formação imaginária aos protagonistas do discurso em relação a Senhora Francisca Diniz Motta e as mulheres oitocentista:

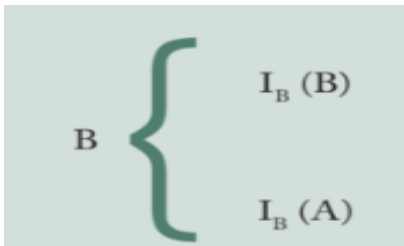
Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja resposta subentende a formação imaginária correspondente.
A: O sujeito colocado em A trata-se de Senhorinha Francisca Diniz Motta.  B: O sujeito colocado em B trata-se das mulheres da cidade de Campanha, MG, no ano de 1873. 	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A. Uma escritora mulher e proprietária de uma imprensa feminina. Com a responsabilidade de compartilhar saberes com a sociedade. Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A. A imagem de B é de uma mulher, mãe, cuidadora do lar. Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B. Tem a imagem de uma “Santa”, que cuida dos filhos e marido. Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B. De uma mulher superior, mas quando o sujeito B é interpelado pelas ideologias religiosas e patriarcais, vê uma mulher progressista como “impura e demônio”.	Quem sou eu para lhe falar assim? Mulher da época, mãe, esposa, alfabetizada, escritora e proprietária de uma imprensa feminina. Quem é ele para que eu lhe fale assim? Mulheres do século XIX, mães de família, leitoras. Quem sou eu para que ele me fale assim? Uma mulher que tem a função de ser mãe, esposa, filha, instrutora. Quem é ele para que me fale assim? Uma mulher alfabetizada, mãe de família e que instrui a alfabetização.

Tabela construída baseada nas formações imaginárias relacionadas aos protagonistas do discurso. (Pêcheux [1975] 1995, p. 83).

Novas ideologias foram sendo construídas e circulando nos discursos em jornais e em rodas de conversa, assim surgindo novos modelos de identidades e de imaginários. Ressaltamos que em 1873 existia os homens que não se identificavam com as ideologias cristalizadas, bem como tinha os que tinham a contraidentificação. Mesmo em minoria o surgimento de homens que apoiavam a educação e a instrução das mulheres. Assim, alguns pais de família não proibiam que as filhas e esposas

fizessem a leitura do jornal *O Sexo Feminino* ou de consumirem conteúdos que adquirissem novos conhecimentos para além do cozinhar.

Nos discursos de *O Sexo Feminino*, conseguimos verificar o combate sobre a visão que os homens tinham em relação as mulheres. Uma parte dos homens que viviam na cidade de Campanha-MG enxergavam as mulheres como uma pessoa inferior, sustentando a ideia que as mulheres precisavam de um tutor, considerando-as sem capacidade para pensar ou agir. Logo, ao longo dos discursos expostos no semanário existe um confronto à forma do homem pensar.

A mulher vista como cuidadora do lar e o homem como provedor do sustento da casa são imaginários resultantes de uma construção social. Nesse sentido, podemos afirmar que são papéis constituídos culturalmente através de discursos com ideologias conservadoras, compartilhados de geração em geração.

Assim, a figura da “mulher do lar”, que exerce apenas funções domésticas e cuida da família, enquanto o homem é “o provedor do sustento” constitui os imaginários desenvolvidos a partir de ideologias conservadoras. No entanto, temos a figura feminina que rompe com o estereótipo mencionado anteriormente, sendo uma mulher que alcança cargos públicos, administra o dinheiro, trabalha fora de casa, busca a independência, trazendo o imaginário com uma ideologia feminista. E não podemos nos esquecer de mencionar a figura feminina que mescla ambas as ideologias, apresentando um imaginário de mulher independente, mas que quer cuidar da família e do lar.

É notório que a imprensa foi de grande importância para que outros imaginários surgissem, considerando que são fornecidos modelos nos discursos divulgados. É através da identificação com discursos lidos em imprensas da época que os sujeitos construíram suas identidades, assim como se identificaram com costumes e culturas estrangeiros que começaram a circular no Brasil, por exemplo, a luta pelos direitos das mulheres. Nesse contexto, percebemos que as atribuições que antes eram vistas como impossíveis para as mulheres passaram, através das influências estrangeiras, a ser executadas.

2.4 Os discursos

Segundo Tfouni e Tfouni (2014, p. 119), os discursos dos jornais e das revistas têm semelhanças com o discurso pedagógico, pois “pretendem fornecer ao sujeito-

leitor orientações, na forma de um receituário, como o professor ou a escola dizendo a ele o que fazer, como proceder, o que escolher, como buscar o sucesso etc.". Nas revistas, são fornecidos modelos ideais do eu, ensinando, inclusive, aos sujeitos como ser, agir, se comportar a partir de uma determinada ideologia.

De acordo com Orlandi (1999, p.33), "a capacidade do aluno se constituir ouvinte e se construir como autor na dinâmica da interlocução recusando tanto a fixidez do dito como a fixação do seu lugar como ouvinte". No discurso pedagógico polêmico é estudado as variadas posições-sujeito que o aluno pode ocupar.

Os discursos de Senhorinha Francisca da Motta Diniz publicados no semanário *O Sexo Feminino* tem traços do discurso polêmico, considerando a potencialidade em se constituir como ouvinte e autora. Nesta pesquisa, notamos que o discurso de Francisca Diniz, assume e promove a criticidade e ocupação de diferentes posições-sujeito em que as mulheres podem ocupar.

Os discursos apresentados no semanário têm o tema da emancipação e a luta pelos direitos das mulheres, entre outros temas do universo feminino. Ao longo das discussões, as leitoras são indagadas sobre o modo da educação tradicional, sem o direito à educação com qualidade boa e o direito a exercer outras funções.

Trazendo discussões de como será a vida da mulher ao perder o provedor da casa, os jornais comandados pela figura masculina produziam gestos de interpretação e publicavam as respostas materializando ideologias cristalizadas. Cabe ressaltar que, no semanário também apresentava as respostas para os próprios questionamentos expostos, sendo assim assumindo o discurso pedagógico polêmico.

Em *O Sexo Feminino*, analisamos a presença de discursos heterogêneos, ou seja, mesclando duas ideologias para construir uma nova. É no discurso que acontece a materialização da ideologia. Então, existe a mescla da ideologia que defende o aprendizado da mulher em relação aos afazeres domésticos, casamento, com a ideologia que defende o direito de a mulher frequentar escolas e ter uma profissão.

Com as ideologias mescladas ocorre o surgimento da ideologia que apresenta a defesa de uma mulher que pode ter o direito à uma educação, de exercer uma profissão, mas que não abandone os ensinamentos de cuidar da casa e ter uma família. Desse modo, percebemos que a linha tênue em ter traços progressistas e ao mesmo tempo tradicional.

Para a Análise de Discurso, temos que o discurso é definido como efeito de sentidos entre os interlocutores. Nesse contexto, o discurso é utilizado pelo sujeito

para expressar valores, significados, pensamentos e representações ideológicas. De acordo com Orlandi (1999, p. 17), “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre a língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos”.

O discurso é a língua em uso e leva em consideração aspectos como a historicidade, o contexto sociocultural, a ideologia e o destinatário para a produção dos dizeres em determinadas situações. Como diz Pêcheux (1975 [1995], p. 77), “o discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”.

No texto, podemos encontrar a presença de diversas formações discursivas que são organizadas em função de uma dominante. Dessa maneira, o discurso é constituído a partir de textos, uma vez que os elementos linguísticos organizam a discursividade. Assim, todo texto é considerado heterogêneo.

Outro ponto a ser destacado é que a ideologia tem como característica ser heterogênea, levando-se em consideração que existem variados conjuntos de ideias. Conforme Pêcheux (1980 *apud* Indursky, 2007, p. 87-88), “Uma ideologia é não idêntica a si mesma, só existe sob a modalidade da divisão, e não se realiza a não ser na contradição que com ela organiza a unidade e a luta dos contrários”. Em outras palavras, cada grupo tem seu modo de pensar e impor o que deve ser feito e dito, portanto na sociedade existem múltiplas ideologias.

Na AD, o texto é trabalhado como unidade do discurso. Orlandi (1999, p. 69) afirma:

Então, para a análise de discurso, o que interessa não é a organização linguística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo. É dessa natureza sua unidade: linguístico-histórica.

Para a Análise de Discurso, o que desperta o interesse é a relação língua, história e sujeito, melhor dizendo, a relação linguístico-histórica. Destacamos que o sujeito está para o discurso como o autor para o texto, lembrando que no discurso não existem autores, mas sim posições-sujeito, pois “um sujeito não produz só um discurso; um discurso não é igual a um texto” (Orlandi, 1999, p. 71). Portanto, o analista considera o sujeito e a exterioridade.

Reafirmando a tese pecheutiana, Orlandi (1999, p. 17) assinala que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em

sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. Na Análise de Discurso, é trabalhada a relação língua, discurso e ideologia em razão de que um elemento depende da relação com o outro; assim, o discurso é a materialidade da ideologia e é a língua em funcionamento. Como já foi mencionado no primeiro subcapítulo do segundo capítulo, os sujeitos expressam seus pensamentos nos discursos, materializando as ideologias e proporcionando modelos a serem seguidos.

2.5 Mecanismos da análise

O envolvimento com a Análise de Discurso Pecheutiana aconteceu durante a graduação do curso Letras Língua Portuguesa/DLI, no Campus Prof. Alberto Carvalho, no período letivo de 2017.2, cursando a disciplina “Introdução às teorias do discurso”. Nas rodas de leitura e nas atividades práticas foram compartilhados os aprendizados sobre as obras de Orlandi (2002) e de Pêcheux (1995, 1997), despertando o conhecimento de como podemos compreender a língua produzindo sentidos para e por sujeitos entre os interlocutores e a construção de identidades através do discurso.

Analizando os discursos no meu convívio social, com o intuito de compreender os sentidos produzidos por eles, bem como o de identificar as ideologias presentes, foi possível constatar como os discursos são poderosos e influenciadores na construção de identidades e de expressões ideológicas. Assim, foi despertado o lado de investigação e analisadora dos discursos formadores de identidades.

Enquanto analista de discurso, foi despertada a curiosidade sobre o processo de construção e formação do imaginário e da identidade social produzidos em discursos por e para sujeitos, bem como o modo de significar e significar-se.

A partir de pesquisas realizadas na Hemeroteca Digital Brasileira em busca de jornais dos séculos anteriores que representassem a mulher rompendo com o tradicional, foi apresentado *O Sexo Feminino*. Realizando as leituras foi constatado o riquíssimo material de uma imprensa totalmente feminina para ser analisado com os conhecimentos da Análise de Discurso Francesa. Para a escolha, construção e análise do *corpus*, nos embasamos nos aspectos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, atentando-nos ao fato de que na AD existe a relação entre teoria e análise.

A Análise de Discurso é uma disciplina indiciária (Ginzburg, 2003), assim o procedimento metodológico utilizado tem caráter qualitativo, considerando-se que é feita a leitura do arquivo e, na sequência, a interpretação e análise do *corpus*, buscando investigar a construção da identidade e o imaginário da mulher no século XIX.

Prosseguindo com a leitura dos arquivos das edições de 1873, 1874, 1875 e 1889 de *O Sexo Feminino*, arquivados e publicados na Hemeroteca, foi necessária uma seleção de uma única edição para formar o *corpus* de pesquisa. Em 1873 foi publicada 16 edições, em 1874 possui 28 edições, no ano de 1875 foi publicada 22 edições e em 1889 teve a publicação de 10 edições.

As edições de 1873 e 1874 eram editadas, publicadas e vendidas na cidade de Campanha em Minas Gerais. As edições de 1875 passaram a ser produzidas no Rio de Janeiro. O semanário sofreu uma pausa de 14 anos nas suas publicações e circulações na sociedade do Rio de Janeiro. Em 1889 aconteceu o retorno com as publicações, foram publicadas apenas 10 edições e terminando o ciclo jornalístico em 8 de outubro de 1889.

As cinco primeiras edições de 1873 foram escolhidas para ser analisada nesta pesquisa, considerando que eram as primeiras publicações do jornal recém fundado. Além disso, cada linha escrita apresentava uma proposta com a perspectiva que assustar os confrontadores. Para dar início, aconteceu o processo de seleção e depois e a fragmentação em formações discursivas. O critério utilizado para os recortes foram a das condições de produção, a heterogeneidade dos discursos e os discursos representativos do imaginário.

Para as condições de produção foram selecionados os discursos que representasse a época, o cenário exposto. Em relação a heterogeneidade foi retirado os discursos os quais apresentavam as mesclas de ideologias, com isso as posições do sujeito. O imaginário e a identidade foram analisados e retirados das formações discursivas que representavam as características de como a mulher é.

Segundo Orlandi (1999), a Análise de Discurso não tem como finalidade buscar o sentido verdadeiro, mas sim o real sentido na materialidade linguística e histórica. Na perspectiva da AD, o analista de discurso tem como finalidade compreender como ocorre a produção de sentidos do objeto simbólico, mas sempre questionando as evidências. Desse modo, Orlandi (1999, p. 26) assinala:

[...] a Análise de Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como uma parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma chave de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto.

Foram realizadas pesquisas e leituras bibliográficas em relação aos processos teórico-metodológicos apresentados por Orlandi (1999) acerca da Análise de Discurso de linha francesa. E, com o intuito de enriquecer a pesquisa, foi realizada a leitura do artigo de Gregolin (2007), que têm como objeto de estudo a evolução da mulher com as diversas representações imaginárias e as construções identitárias e ideológicas presentes em discursos. Por fim, realizamos a seleção de arquivos digitais do semanário *O Sexo Feminino* com materialidades discursivas sobre a mulher para construir o *corpus* a ser analisado no próximo capítulo.

Para a Análise de Discurso, o analista estabelece a relação entre teoria e análise, portanto temos os dispositivos para a interpretação que têm como objetivo nos guiar na análise, estabelecendo a relação do dito com o não dito nos discursos. Na análise, podemos perceber a presença de diferentes e infinitas possibilidades, considerando-se que:

Cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face as suas (outras) questões. Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais. Um mesmo analista, aliás, formulando uma questão diferente, também poderia mobilizar conceitos diversos, fazendo distintos recortes conceituais (Orlandi, 1999, p. 27).

A partir do dispositivo de interpretação, o analista de discurso faz a seleção de alguns conceitos da AD para sustentar a análise da pesquisa. Nesse sentido, o analista consegue obter uma das muitas interpretações possíveis, observando que uma mesma palavra significa de diferentes maneiras, “dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma ou outra formação discursiva” (Orlandi, 1999, p. 60).

Desse modo, a interpretação aparece em dois momentos da análise. No primeiro momento, segundo Orlandi (1999, p. 60), “a interpretação faz parte do objeto de análise”, tendo em vista que o sujeito que está falando interpreta, e, em seguida, o

analista procura descrever o gesto de interpretação daquele sujeito que constitui o sentido.

E, no segundo momento, é considerado que não existe uma descrição sem interpretação, sendo necessário que haja a introdução de um dispositivo teórico para “intervir na relação do analista com objetos simbólicos que analisa, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito a interpretação” (Orlandi, 1999, p. 60).

A análise não é fechada e completa, pois, como já foi dito, existem infinitas possibilidades de interpretação; de acordo com Orlandi (1999, p. 62), “não há completude e nem exaustividade em relação ao objeto empírico, pois ele é inesgotável”.

Assim, individualizamos, na constituição do dispositivo analítico, o dispositivo teórico, levando em consideração o que Orlandi (1999, p. 66) explica:

O objeto discursivo não é dado, ele supõe um trabalho do analista e para chegar a ele é preciso, numa primeira etapa da análise, converter a superfície linguística (o corpus bruto), o dado empírico, de um discurso concreto, em um objeto teórico, isto é, um objeto linguisticamente desuperficializado, produzido por uma primeira.

Na constituição do *corpus* de análise, tivemos como alicerce da AD o gesto da leitura do arquivo, bem como a interpretação do material discursivo. O *corpus* é o resultado da leitura de arquivo em que existe a “relação entre a língua e a exterioridade” (Pêcheux, 2010, p. 58).

A noção de arquivo pode ser entendida como um grupo de enunciados, frases, imagens, ou seja, documentos organizados relacionados a determinado tema. Nesse sentido, a noção de arquivo está ligada à memória em razão de que o arquivo é uma conservação da memória na materialidade discursiva. De acordo com Pêcheux (2010, p. 51), o arquivo é sempre “[...] entendido, no sentido amplo, de campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”.

Enquanto analistas do discurso, buscamos compreender o funcionamento do discurso com as posições ideológicas que o constituem. Nas palavras de Tfouni e Grigoletto (2020, p. 4817), “[...] ao tratar os discursos midiáticos, uma das tarefas do pesquisador em AD é analisar a ideologia e as posições ideológicas constitutivas dos discursos”.

3 ANÁLISE DO CORPUS

Por diversas vezes nas variadas edições é afirmado que a principal proposta é a mudança, considerando as condições que eram oferecidas para as mulheres. Nesse sentido, a proprietária e redatora do jornal defendia os direitos das mulheres, direitos esses que por vários anos foram negados.

O *Sexo Feminino* tornou-se um espaço no qual a principal redatora deixava exposto mais do que seus projetos e suas ideias, pois tinha como funcionamento a influência e o incentivo às mulheres para a mudança de comportamentos e pensamentos. Além disso, era um espaço também de convocação para que os homens emancipassem as mulheres. Desse modo, percebemos que os discursos divulgados no semanário tinham grande influência na construção da identidade e do imaginário das mulheres, tendo em vista o assujeitamento dos leitores.

a) Edição de 7 de setembro de 1873

O século XIX transformou-se em um palco de uma nova sociedade, local de compartilhamentos de novas crenças, ideologias, culturas e tradições. Segundo Mattos (2009, p.96), “o homem partilhava ao mesmo tempo um ambiente inovador que prometia poder, euforia, crescimento e transformação, mesmo que isso ameaçasse as estruturas vigentes”.

Diante do que foi exposto, no século XIX, ocorreram várias mudanças, sendo marcado por inovações, revoluções e grandes descobertas. Assim, na análise das formações discursivas selecionadas da edição de 7 de setembro de 1873, partimos para a historicidade e lembramos as condições de produção dadas para a produção do discurso.

FD1

O século XIX, século das luzes, não se findará sem que os homens se convençam de que mais de metade dos males que os oprimem é devida ao descuido, que elles tem tido da educação das mulheres. e ao falso supposto de pensarem que a mulher não passa de um traste de casa, grosseiro e brusco gracejo que infelizmente alguns indivíduos menos delicados ousão atirar a face da mulher, e o que é mais as vezes, em plena sociedade familiar.

Na Formação Discursiva 1, o século XIX é mencionado como o século das luzes e se diz ser esperado que os homens se convençam de que as mulheres podem ser

o que quiserem. Citar século das luzes é lembrar do movimento do Iluminismo, conhecido como a filosofia e revolução das luzes, que tinha como principal objetivo libertar as pessoas da falta de conhecimento, tirá-las da obscuridade e da ignorância.

A própria noção de Iluminismo, Ilustração, ou ainda Esclarecimento, como o termo é por vezes traduzido, indica, através da metáfora da luz e da claridade, uma oposição às trevas, ao obscurantismo, à ignorância, à superstição, ou seja, à existência de algo oculto, enfatizando, ao contrário, a necessidade de o real, em todos os seus aspectos, tornar-se transparente à razão. O grande instrumento do Iluminismo é a consciência individual, autônoma em sua capacidade de conhecer o real (Marcondes, 2007, p. 207).

Para Silva (2007), no século XVII, o Iluminismo que também ficou conhecido por Século das Luzes, movimento que deu os primeiros passos na França. Este movimento comportou muitas áreas, destacando-se na filosofia e na literatura. O Iluminismo foi um dos principais influenciadores do capitalismo e da sociedade moderna.

No século XVIII, os pensamentos do movimento iluminista floresciam no Brasil. Podemos perceber uma grande influência do Iluminismo em Minas Gerais, principalmente na Inconfidência Mineira no ano de 1789. O material analisado nesta pesquisa trata-se de um respectivo jornal de uma cidade do estado de Minas Gerais.

A escritora e proprietária de *O Sexo Feminino*, uma mulher alfabetizada e grande conhecedora da literatura e das revoluções que aconteciam na Europa e no Brasil, apresenta uma comparação ao século das luzes. No semanário se expõe o objetivo de que, do mesmo modo que os homens clarearam suas mentes a respeito da política e da religião através das ideologias que eram compartilhadas nas interações sociais, que eles agora se assujeitem a outras ideologias sobre a mulher.

Os discursos apresentados no semanário comandado por Senhorinha Francisca tinham o mesmo objetivo que o Iluminismo, ou seja, a libertação da falta de conhecimento e da ignorância. Além disso, percebemos o atraso nas evoluções e revoluções brasileiras comparando-as com a Europa. A modernidade chegando de forma tardia no Brasil, por exemplo, as máquinas utilizadas na imprensa, acabam influenciando na divulgação de novas ideologias na sociedade. A cultura e costumes brasileiros receberam influências europeias, sendo assim formando as identidades e imaginários dos homens e mulheres brasileiros.

As pessoas que eram das classes elevadas da sociedade brasileira, viajavam para a Europa com o intuito de estudar nas universidades. Geralmente, os grandes fazendeiros e empresários do Brasil mandavam os filhos e filhas para obter diplomas universitários. Estes brasileiros tinham contato com os pensamentos e as teorias que estavam sendo desenvolvidos em territórios europeus. Por conseguinte, quando retornaram ao país, em rodas de conversas compartilhavam as ideias que circulavam na sociedade da Europa. Assim, as ideias do Iluminismo foi chegando ao Brasil e sendo divulgado na alta sociedade.

Os pensadores que defendiam estes ideais acreditavam que o pensamento racional deveria ser levado adiante substituindo as crenças religiosas e o misticismo, que, segundo eles, bloqueavam a evolução do homem. O homem deveria ser o centro e passar a buscar respostas para as questões que, até então, eram justificadas somente pela fé (Silva, 2007, p. 02).

De acordo com a citação acima, a religiosidade causava um bloqueio na evolução do homem, isto é, havia uma limitação para a prosperidade. Os discursos sustentados com as ideias iluministas trazem uma ruptura à sociedade que centrava o discurso religioso. sustentava a ideia de que a mulher deveria ser submissa ao homem. Segundo Silva (2007, p.02), “eles acreditavam que se todos fizessem parte de uma sociedade justa, com direitos iguais a todos, a felicidade comum seria alcançada”.

No trecho “e ao falso supposto de pensarem que a mulher não passa de um traste de casa”, observamos a palavra “traste”, que tem como significado “objeto de pouco valor”. A palavra traste era e é muito utilizada quando nos discursos é usada para inferiorizar outra pessoa. De acordo com Federici (2017, p. 201),

[...] foi estabelecido que as mulheres eram inerentemente inferiores aos homens — excessivamente emocionais e luxuriosas, incapazes de se governar — e tinham que ser colocadas sob o controle masculino. Da mesma forma que ocorreu com a condenação da bruxaria, o consenso.

Ressaltamos que os homens tinham o pensamento de que as mulheres não poderiam ter poder e direitos iguais aos deles, assim como não teriam superioridade. Outro ponto a ser destacado é que, por muitas vezes, a mulher era igualada a um “traste”, sendo comparadas como algo que tenha pouca significância e valor. Durante

muito tempo foi estabelecido que elas eram incapazes de tomar qualquer decisão, sendo totalmente dependentes do marido ou do pai.

FD2

Em vez de paes de família mandarem suas filhas a coser, engomar, lavar, cosinhar, varrer a casa, etc., mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, grammatica da lingua nacional perfeitamente, e depois, economia e medicina domestica, a puericultura, a litteratura (ao menos a nacional e portugueza), a philosophia, a historia, a geografia, a physica, a chimica, a historia natural, para coroar esses estudos a instrucção moral e religiosa; que estas meninas assim educadas não dirão quando moças estas tristes palavras: “Si meu pai, minha mãe, meu irmão, meu marido morrerem o que será de mim!! (p. 1)

A construção do que é ser mulher passa pela construção histórica e social. A cada época um novo modelo do que é ser mulher domina ou surge na sociedade, e os antigos continuam enraizados. O sujeito tem a ilusão da livre escolha, levando em consideração que de forma inconsciente o sujeito acaba sendo interpelado pela ideologia conservadora ou feminista. Neste caso, existe o assujeitamento do sujeito com a ideologia mesclada, sendo assim surgindo e circulando um novo modelo de identidade e imaginário para as mulheres.

No discurso é utilizada a estratégia de sensibilizar os leitores a terem uma tomada de posição a favor dos estudos para as mulheres. Para isso, foi mencionada a cena das mulheres dependentes do marido, trazendo a hipótese de uma tragédia acontecer e elas não terem condições de viver ou sustentar seus filhos. A solidão e o extremo abandono são colocados como opções caso a mulher não tenha o direito a estudar. No discurso, a jornalista apresenta que o melhor caminho é optar por possuir um diploma, haja vista que é através do ensino que obterá a liberdade, com isso lhe trazendo amplos benefícios. De acordo com Santos (2020, p.1),

Tudo que a mulher queria era estudar, trabalhar, ter voz ativa, ser vista, ou seja, ser parte ativa em uma sociedade que impôs a elas o casamento, um lar e filhos para criar e que as rotulou, como incapazes, relacionando tal característica a condição física. Por isso a importância do Movimento, este vem para mostrar que mulher tem capacidade, tem inteligência, tem criatividade, criticidade, que pode sim cuidar do lar, mais pode ser uma peça importante, pode contribuir na sociedade, e na busca por seus direitos e aos poucos elas vão conquistando seu espaço.

A figura feminina sempre foi mantida a voz silenciada pelos homens, provocando uma certa inquietude, tendo em vista que eram pessoas assim como os

homens eram. A não liberdade para os posicionamentos, entre outras condições que as mulheres eram submetidas, foram despertando sentimentos revolucionários pela luta da liberdade e o direito da “voz” para decisões da própria vida.

O ato de ser vista como um objeto e mantida pela sociedade sendo uma pessoa apenas com a função de acompanhar à figura masculina e opinar em assunto da moda ou doméstico, causou revoltas. As mulheres queriam que a visão sobre elas passasse a ser vistas como peças importantes em outras áreas, não sendo apenas limitadas em ser dona de casa.

Segundo Pinto (2010), na Inglaterra, nas últimas décadas do século XIX, aconteceu o surgimento da primeira onda do feminismo, momento em que as mulheres se organizaram para lutar bravamente pelos seus direitos. Entretanto, a luta não foi um mar de rosas e sim de espinhos, algumas mulheres perderam a vida e outras acabaram ficando presas várias vezes. As mulheres só conseguiram o direito ao voto, após várias manifestações e uma luta árdua na sociedade. Assim, a primeira conquista aconteceu em 1918, as mulheres conquistando o direito ao voto.

Para falar das conquistas dos direitos das cidadãs brasileiras devemos mencionar à das mulheres europeias, levando em consideração que o Movimento Feminista no Brasil foi alimentado com as ideias do Movimento Feminista Europeu. Como já mencionamos, a cultura, os costumes receberam influência dos países colonizadores. O Feminismo no Brasil ficou dividido em etapas, chamadas de quatro ondas. A primeira onda, tinha como principal característica à inserção das mulheres no cenário da educação, isto é, o direito de estudar.

Neste sentido, nas formações discursivas escolhidas para ser analisadas neste capítulo, percebemos a presença da primeira onda do Movimento Feminista no Brasil. Nos discursos são apresentados o desejo das mulheres da cidade de Campanha-MG em frequentar a escola para que possa exercer outras profissões. *O Sexo Feminino*, vem trazendo nos discursos de Senhorinha Diniz, a influência da ideologia feminista, mas com o foco na primeira onda, sendo assim influenciando outras mulheres a lutar.

A segunda onda do Movimento Feminista no Brasil, tem como característica a luta pela instrução e do direito a votar. Nas formações discursivas analisadas, podemos observar a presença da ideologia da segunda onda, tendo em vista as menções e convocações para que as mulheres lutem para ter o direito de escolher os seus representantes e de instruir.

Os discursos apresentados em *O Sexo Feminino* foi um instrumento para a formação e informação das mulheres, mesmo apresentando nas suas páginas os discursos influenciando que é necessário lutar pelo direito ao voto e que a sociedade deveria enxergar as mulheres com um olhar de capacidade. Este direito só foi conquistado em 1932, após o novo Código Eleitoral Brasileiro ser promulgado.

Segundo Santos (2020), O Movimento do Feminismo é libertário, influenciando e conquistando o espaço da mulher na vida pública, principalmente na educação, não focando apenas no trabalho. E a luta para que a mulher tenha a autonomia e a liberdade para decidir sobre a sua vida.

Com base na leitura e análise da FD2, ela nos proporciona uma reflexão acerca dos conhecimentos partilhados nesse discurso, notando as referências da memória discursiva tanto aos homens quanto às mulheres em relação ao tratamento educacional que era destinado às jovens campenses.

Nessa FD, com o discurso emancipatório, notamos a firmeza ideológica tornando-se mais convincente quando começam a ser elencadas e enumeradas as disciplinas que deveriam ser prioridade no ensino das mulheres, por exemplo, a filosofia, a matemática, a literatura.

O panorama dos conteúdos que deveriam ser ministrados às mulheres oitocentistas é exposto a partir da projeção, melhor dizendo, da formação imaginária que a jornalista tinha de si e das outras mulheres. As disciplinas escolhidas foram vistas como importantes para o desempenho das mulheres no papel de educadoras dos seus próprios filhos. No entanto, o aprendizado dos conteúdos dessas disciplinas também ajudaria para a libertação das injustiças que eram cometidas pelas práticas do machismo.

É notório que a função da mãe também passa a ser a função de educadora. Com essa perspectiva, o discurso do semanário faz jus ao elemento primordial, a emancipação feminina, considerando o fato da exaltação sobre a capacidade de instrução das mães, reconhecendo toda a qualidade proporcionada nos ensinamentos vindos de uma mulher.

D. Francisca Senhorinha Diniz foi uma grande anunciadora e influenciadora do novo tempo na história das mulheres. Diante dos pressupostos de uma nova realidade vivenciada pela comunidade oitocentista, o jornal compartilhava o discurso que assegura quais os problemas adquiridos pela falta da instrução e educação das

mulheres, assim como apresentava a insistência na necessidade da efetivação da emancipação delas.

FD3

A riqueza intelectual produzirá o dinheiro, e com este se satisfarão as necessidades. O dinheiro, Deus o dá e o diabo pode levar, mas a sabedoria que Deus dá o diabo não a roubará (p. 1).

Diante do exposto na FD3, lembramos os pensamentos de Federici (2017) em relação à religião e à educação da mulher. Segundo a pesquisadora, “uma das armas que os religiosos usaram foi insinuar que as mulheres independentes demais, que não obedeciam a seus maridos, eram criaturas do demônio” (Federici, 2017, p. 222). As mulheres eram consideradas demônios e bruxas por buscarem a independência e não seguirem o que era determinado pela religião ou pelo homem. Entretanto, na formação discursiva analisada anteriormente, notamos a influência de que a riqueza intelectual aumentaria o dinheiro, proporcionando, por conseguinte, benefícios para a família.

Como já foi dito, o semanário *O Sexo Feminino* apresenta nas suas formações discursivas traços dos discursos pedagógicos e religiosos. Podemos caracterizá-lo como pedagógico tendo em vista a instrução e o incentivo para a educação das mulheres, apresentando um novo modelo a ser seguido.

Notamos traços do discurso religioso levando em consideração as vezes em que são mencionados Deus e o diabo, diferentemente da ideologia patriarcal, que menciona as mulheres independentes como diabos ou demônios. Na visão de mundo da ideologia feminista, se assinala que Deus dá a sabedoria e que jamais o diabo poderá tirá-la, em outras palavras, é uma bênção dada e que ninguém tem forças para usurpar. Portanto, percebemos que a religião sempre está entrelaçada ao falar sobre a mulher.

Desse modo, a FD3 utiliza uma formação discursiva que mescla elementos pedagógicos e religiosos para promover a educação feminina como um meio de alcançar prosperidade e segurança espiritual. Esta FD contrasta com a visão patriarcal demonizadora das mulheres independentes, oferecendo uma perspectiva que valoriza a educação e a sabedoria como bens divinos e inalienáveis.

Percebemos como os discursos se entrelaçam e se confrontam, revelando as dinâmicas de poder e ideologia que influenciam a construção social do papel da

mulher. Esta FD apresenta uma estratégia de resistência ao patriarcado, ao mesmo tempo em que utiliza a religião, tradicionalmente uma ferramenta de repressão, como uma fonte de legitimação e empoderamento.

FD4

Feliz coincidência! Ha 51 annos que se quebrarão os ferros de nossa escravidão ao jugo colonial, que se libertou o brasileiro do despotismo de um homem que d'alem do Atlântico, nos impunha sua vontade de ferro; ha 51 annos em fim que soou o grito de nossa independência. Pois bem, este dia marcará também em nossa historia pátria uma época não menos memorável — a independência da mulher, cujo echo se faz ouvir na imprensa por um órgão — O Sexo Feminino. E pois, Viva a independência do nosso sexo! Viva a instrução da mulher! Vivão as jovens campanhenses! (p. 2)

Em 7 de setembro de 1873, o Brasil completava 51 anos de sua independência, deixando de ser submisso a outro país. Notamos que, do mesmo modo que o Brasil conseguiu a sua independência, as mulheres brasileiras também almejavam deixar a submissão à figura masculina.

A analogia entre a independência do Brasil e a emancipação das mulheres revela várias dimensões da luta por liberdade. Em primeiro lugar, ambas buscavam autodeterminação: assim como o Brasil queria governar-se sem a intervenção de Portugal, as mulheres desejavam tomar suas próprias decisões e controlar suas vidas sem a tutela masculina. Em segundo lugar, a igualdade era um objetivo comum: a independência política do Brasil pretendia estabelecer uma nação soberana e igual entre as nações, enquanto as mulheres lutavam por direitos e oportunidades iguais, desafiando a ordem social que as colocava em posição inferior.

Além disso, o processo de resistir e o de persistir foram essenciais em ambas as lutas. A conquista da independência brasileira envolveu resistência, negociação e conflito, um processo complexo e multifacetado. As mulheres brasileiras enfrentaram um caminho igualmente árduo de resistência contra normas opressivas, persistindo na luta por reconhecimento e direitos.

A construção de identidade também é um ponto de convergência: a independência do Brasil foi crucial para a formação de uma identidade nacional distinta, enquanto a luta das mulheres redefiniu a identidade feminina na sociedade, desafiando estereótipos e ampliando seus espaços de atuação.

A construção do que é ser mulher passa pela construção histórica e social. Segundo Rassi (2012, p. 45), “a Análise do Discurso compreende o acontecimento histórico como o recorte de um fato ou sequência de fatos ocorridos em um tempo e

em um espaço”. Nesse sentido, o acontecimento histórico trata-se da publicação de um semanário escrito por uma mulher e destinado a mulheres, lutando por seus direitos na sociedade. Com o que foi exposto na FD4, observamos que o discurso traz como acontecimento histórico a coincidência da independência do Brasil, assim como o marco na história da luta pela independência das mulheres.

No trecho “Viva a independência do nosso sexo”, é notória a luta das mulheres pela independência. Além disso, se evidencia que é escrito por uma mulher, tendo em vista a marcação do pronome possessivo “nosso” ao dizer “nosso sexo”. Os homens, por exemplo, não precisavam ir à luta por sua independência, pois já eram independentes e tinham seus direitos garantidos. Como já foi mencionado, a revista *O Sexo Feminino* era dirigida pela jornalista e educadora D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz e as que defendiam a causa. Vale mencionar que na época apenas 5,5% das mulheres eram alfabetizadas no Brasil. O principal objetivo do semanário foi alcançado, uma vez que as edições foram espalhadas por todos os estados brasileiros.

Destacamos que, a partir das publicações de *O Sexo Feminino*, outros jornais dirigidos por mulheres foram surgindo. Assim como D. Francisca Senhorinha tinha o objetivo de despertar as mulheres para um novo horizonte sobre a educação, algumas assinantes se inspiraram e começaram a escrever novos jornais falando sobre a mulher. Desse modo, notamos que novos discursos e novas ideologias sobre as mulheres foram surgindo conforme se dava a evolução da nossa sociedade.

Diante do que foi observado nas FDs da primeira edição, salientamos que os discursos apresentavam o reconhecimento e o respeito do âmbito familiar daquela época. Vale ressaltar que o semanário tinha como objetivo defender o desenvolvimento de todas as potencialidades existentes nas mulheres, isto é, quebrar as barreiras que eram impostas pela sociedade daquela época.

FD5

[...] agourem bem ou mal o nascimento, vida e morte do *Sexo Feminino*; persigão os *retrógrados* com seus ditérios de chufa e mofa nossas contreranças, chamando-as de *utopistas*: *O Sexo Feminino* aparece, hade lutar, e lutar até morrer: morrerá talvez, mas sua morte será gloriosa e a posteridade julgará o perseguidor e o perseguido (p. 1).

No trecho acima, a formação discursiva apresenta a materialização da ideologia, divulgando o pensamento do surgimento de um meio de divulgação, sendo ele *O Sexo Feminino*, como uma arma para combater os retrógrados. O jornal surgiu

com a necessidade de mudanças, dando novas sugestões de costumes, comportamentos, pensamentos e de atitudes para os indivíduos da sociedade do século XIX. No ano de 1873, as formações ideológicas de D. Francisca Senhorinha estavam focadas no público-alvo da sociedade da cidade de Campanha. Senhorinha, com os seus discursos, tentava expandir seus dizeres para além do feminino, com o objetivo de influenciar os homens a respeito da educação feminina.

A principal função do jornal *O Sexo Feminino* era informar, assim como divulgar uma nova maneira de enxergar as funções atribuídas para as mulheres. O surgimento da imprensa feminina, dando atenção à luta pelos direitos do universo feminino, foi de grande importância, considerando o fato de as publicações batalharem por mudanças na forma de tratar as mulheres.

As intenções foram validadas nos discursos a partir de estratégias discursivas materializando a ideologia feminista, afirmando a necessidade da emancipação feminina e o direito a frequentar faculdades e obter outras formações. Para isso, se recorreu ao interdiscurso e às condições de produção da época.

Como já mencionado, o dia 7 de setembro é marcado historicamente pela Independência do Brasil, ocasião em que foi declarado o discurso por D. Pedro I da seguinte forma: “Liberdade ou morte”. A primeira edição do semanário *O Sexo Feminino* foi publicada exatamente no dia 7 de setembro com o intuito de incentivar a independência feminina. Não podemos esquecer o interdiscurso e a intertextualidade presentes do discurso de D. Pedro nos dizeres de D. Francisca Senhorinha. De acordo com Santos (2020, p.5),

O Brasil no século XIX ditava regras sociais para as mulheres determinando a diferença entre os sexos, o padrão moral da época privilegiava o homem em todos os aspectos. Um país rural e escravista, buscando se adaptar ao modelo capitalista que chegava, estas mudanças influenciaram a sociedade, e o comportamento feminino começou a mudar e a incomodar os conservadores.

O imaginário da mulher submissa, obediente a figura masculina, era o que mais circulava na sociedade brasileira do século XIX. Existia jornais, por exemplo, *O Jornal das Senhoras*, *O Espelho*, *O Echo Damas*, que ditavam regras de como a mulher deveria se comportar, se vestir, reafirmando o padrão do homem ocupando cargos privilegiados em relação a figura feminina e a mulher como objeto “inútil” para a vida pública, servindo apenas para ser mãe e dona de casa.

Podemos afirmar que assim como a Independência do Brasil gerou mudanças na sociedade, causando desconforto à alguns conservadores, o surgimento de imprensas femininas que impulsionavam a formação de uma nova identidade feminina, não seguindo as regras que eram ditadas pela figura masculina ou religião, também causaram um certo desconforto. Mas as perseguições e resistências dos conservadores não impediram o surgimento da imprensa feminina *O Sexo Feminino*, local de circulações dos discursos que confrontavam o modelo da mulher ideal ser totalmente tradicional. Assim, surgindo um novo modelo de mulher ideal, que era a mulher que lutava pelos direitos, lutava incansavelmente, arriscando-se até a morte, mas lutando por uma sociedade justa, igualitária.

Ao analisar o trecho “*O Sexo Feminino* aparece, hade lutar, e lutar até morrer”, percebemos o desejo de conquistar todos os direitos e viver em uma sociedade justa. O Brasil, para se tornar um país independente, enfrentou cenários de luta e de mortes, mas com persistência adquiriu a tão sonhada independência. Desse modo, com as estratégias e manipulações discursivas, a jornalista tenta convencer as leitoras para que abracem o projeto e entrem na luta para alcançar os objetivos propostos, para assim terem como resultado uma sociedade que tem o imaginário das mulheres com várias funções, deixando de serem tratadas como um objeto ou apenas donas do lar.

b) 14 do setembro de 1873 (Emancipação da mulher)

FD6

O Sexo Feminino ergue-se modesto no vasto mundo da imprensa; está animado de bons desejos para conviver, e corresponder-se com os do mais periódicos, com os quaes deseja entreter relações amistosas, maxime com aquelles que não deixão de propugnar pelos interesses da mulher, cujos direitos tem até o presente sido tão descuidosamente tratados pelo nosso governo, que parece temer alguma revolução resultante da *instrução, educação e emancipação da mulher* (p. 1).

O Sexo Feminino foi sobressaindo na sociedade, ampliando a imprensa feminina e colaborando com as lutas dos direitos do universo feminino. Os discursos do semanário foram validados e compreendidos pela sociedade a partir dos valores que foram postos na primeira publicação. Os destinatários dos discursos reconheciam e demonstravam interesse nas formações ideológicas materializadas nas formações discursivas.

No século XIX, no Brasil oitocentista, a imprensa apresentava uma batalha em relação à adesão dos leitores. Cada imprensa tinha uma maneira de enxergar o Brasil, principalmente a educação das mulheres. Assim, o espaço da imprensa estava configurado pelo embate de visões de mundo diferentes.

A imprensa feminina comandada por Senhorinha Diniz apresentava estratégias para influenciar os leitores a uma proposta de instrução, emancipação feminina e educação das mulheres. A jornalista Senhorinha Diniz deixava exposta em seus discursos a necessidade da emancipação feminina, conduzindo os leitores a respeito da importância da educação e da busca pela independência.

Nos discursos eram demonstrados os perigos que as mulheres podiam enfrentar caso não buscassem conhecimento para além de serem donas de casa. A racionalidade e o emocional são trabalhados nos discursos como uma forma de manipular os indivíduos para o assujeitamento pelas ideologias expostas.

Em análises do *corpus*, percebemos o diálogo realizado diretamente para o público feminino e indiretamente para o masculino, com o assunto da emancipação feminina, ou seja, com a construção da identidade e do imaginário da mulher emancipada, mas sem abandonar traços de dona do lar.

FD7

Prepare-se o futuro pela educação o instrução do sexo frágil. Formem-sc as mãis de familia, que por seu turno vão erguer escolas e collegios, nos campos, nas villas e nas cidades; que ensinem à mocidade de ambos os sexos os sãos principios de uma instrução moral e religiosa, e a face da sociedade se ha de mudar (p. 1).

Com a visão machista, a mulher é percebida como sexo frágil, sendo caracterizada como incapaz, vulnerável ou até mesmo um objeto pertencente ao homem. São ideias enraizadas na sociedade desde os primórdios, principalmente com a ascensão do texto bíblico e com a crença de que a mulher teria sido feita a partir da costela do homem – esse é o efeito Adão, base dos pensamentos machistas. Dizer que a mulher foi feita por meio da costela do homem é o mesmo que dizer que ela pertence ao sujeito masculino e, ademais, que seria inferior por ter sido criada apenas de uma simples costela (Muszkat, 2019).

Há na FD7 a idealização da figura feminina, dando ênfase à função maternal da mulher, bem como ao poder de educar os filhos. Nesse sentido, notamos que a mulher tem a sua imagem com ligação a um ser divino, considerando a instrução de conduzir e dar educação aos filhos para seguirem o caminho do bem.

Percebe-se, com isso, que é veiculado o imaginário da mãe sendo pura, a que foi escolhida por Deus para assumir e desempenhar a função de cuidar dos e educar os filhos de forma digna. Assim, as mulheres eram escolhidas por Deus para educar e instruir bons homens para viverem harmonicamente na sociedade. Assim, segundo Senhorinha, para que a instrução seja efetivada, é de suma importância que seja dada a instrução feminina.

Desse modo, a capacidade intelectual e as possibilidades de as mulheres se instruírem têm uma ligação de forma direta com a influência da mulher na educação dos filhos. Com uma orientação a respeito dos seus direitos e deveres, educadas com os conhecimentos essenciais, as mulheres possuem nível elevado de segurança para educar seus filhos, com a intenção de conduzi-los para o caminho do bem, da progressão e da luz.

FD8

A mulher, pertencente ao sexo frágil; como é denominado pela onipotência do homem, é um movei, um brinquedo que o capricho de qualquer estoico coloca no canto da casa ou atira barbaramente a última escala social! (p. 2).

Nesta FD, por sua vez, percebemos a ironia ao tratar sobre o sexo frágil e a onipotência do homem. Como já foi dito anteriormente, as mulheres eram vistas e tratadas como objetos, seguindo as orientações de ideologias cristalizadas.

O patriarcado, intimamente associado com hierarquia, é um modo de ordenar a realidade de forma que um grupo, no caso o sexo masculino, é tido como superior ao outro, o sexo feminino [...]. A opressão costuma ser sutil numa cultura patriarcal [...] A estereotipagem das funções dos sexos foi legitimada por muitas religiões e pela sociedade ocidental durante milênios (Laffey, 1994, p.10).

Na sociedade do século XIX, ainda predominavam os ensinamentos patriarcais, com resistência deles, considerando que a figura masculina era caracterizada como o poder supremo, ficando apenas abaixo de Deus.

A expressão "A mulher, pertencente ao sexo frágil", denota a perpetuação de estereótipos de gênero que categorizam as mulheres como seres vulneráveis e passivos, subjugados à vontade masculina. A referência à "onipotência do homem" ressalta a dinâmica de poder desigual entre os gêneros, onde o homem é colocado em uma posição de autoridade absoluta.

A metáfora de "um móvel, um brinquedo" enfatiza a objetificação das mulheres, tratadas como meros objetos de uso e manipulação masculina. O uso da palavra "estoico" sugere uma aceitação resignada dessa condição por parte das mulheres, enquanto a menção ao "canto da casa" e à "última escala social" aponta para a marginalização e confinamento das mulheres em espaços domésticos e sociais limitados. Assim, a FD8 revela a naturalização e legitimação de relações de poder patriarcais que subjugam as mulheres, destacando a necessidade de uma análise crítica e desconstrução desses discursos para promover a igualdade de gênero.

FD9

É tempo de olharmos atentamente para a nossa situação. Que papel representa a mulher na sociedade? Quando filha, quando mãe, esposa ou viúva, sempre, sempre manietada, oprimida e dominada desde o primeiro até o último homem (p. 2).

Nas outras formações discursivas analisadas, notamos a exposição da defesa sobre a situação que as mulheres do século XIX vivenciavam. Já nesta formação discursiva, observamos a inquietação presente no discurso em relação às formações imaginárias.

Primeiramente, Senhorinha questiona o papel que a mulher representa na sociedade, apresentando como resposta as funções de mãe, esposa, sempre sendo submissa à figura do homem. Como a sociedade tratava as mulheres? Durante muito tempo foi estabelecido que elas eram incapazes de tomar qualquer decisão, sendo totalmente dependentes do marido ou do pai. De acordo com Federici (2017, p. 201),

[...] foi estabelecido que as mulheres eram inerentemente inferiores aos homens — excessivamente emocionais e luxuriosas, incapazes de se governar — e tinham que ser colocadas sob o controle masculino. Da mesma forma que ocorreu com a condenação da bruxaria, o consenso sobre esta questão atravessava as divisões religiosas e intelectuais.

No ano de 1873 e anteriormente, o imaginário feminino, especificamente das mulheres camponesas, era construído socialmente com as influências da ideologia conservadora. A mulher era colocada em posição de exercer a submissão ao homem.

Os discursos e imaginários sobre a mulher construídos a partir de uma ideologia machista impõem que ela – a mulher – seja submissa, obediente e conivente com as intimidações por parte dos homens. Segundo Federici (2019), no final do

século XVI, as mulheres eram punidas por qualquer demonstração de independência ou pela falta de obediência à figura masculina, tida como superior.

No século XXI, mesmo após tantas conquistas por parte das mulheres na sociedade, percebemos que ainda se fazem presentes a punição e a intimidação contra as mulheres que não são submissas aos homens ou que não seguem o que é imposto pelo modelo tradicional de sociedade, o patriarcal.

Para uma melhor compreensão das condições de produção dos discursos produzidos no semanário *O Sexo Feminino*, foi essencial entender os sujeitos e as situações vivenciadas no período oitocentista. Na AD, essas condições são observadas de maneira ampla, com inclusão do contexto sócio-histórico e do processo ideológico.

O contexto sócio-histórico trata-se de uma sociedade conduzida pela religião e com ideias conservadoras, colocando as mulheres inferiores aos homens. Nesse sentido, temos o contexto configurado a partir da seguinte situação: mulheres do século XIX da cidade de Campanha, Minas Gerais, as quais, de repente, se depararam com discursos do semanário *O Sexo Feminino* ensinando uma nova forma de comportamento, atitudes e costumes, contrapondo-se a tudo o que era ensinado em outros jornais. Dessa forma, é apresentado um modelo a ser seguido, tornando-se uma dona do lar, mas com amplos conhecimentos e com um diploma para conseguir resolver os problemas sozinha caso não exista a presença de um homem.

Como referido na FD9, a mulher possuía apenas as atribuições de esposa, mãe e filha, desempenhando as funções de cuidar do lar, cozinhar, passar, ler receitas culinárias e como ser uma “boa esposa”. Como já foi dito, o principal objetivo do discurso de D. Francisca Senhorinha é a desconstrução do estereótipo enraizado, buscando influenciar os leitores para que a mulher desempenhe um novo papel que antes era destinado aos homens.

Nesse cenário oitocentista, a sociedade estava seguindo rumo ao progresso e à modernidade. Em seus discursos, D. Francisca Senhorinha apresentava como proposta ao leitor a escolha da tomada de posição em relação à função ocupada pela mulher na sociedade. À luz do novo século, como mencionado diversas vezes nos dizeres de Senhorinha, tinha-se como oposição os descasos de que as mulheres eram vítimas nos “séculos das trevas”.

Nesse novo tempo, caracterizado como tempo das luzes, tinha-se como incoerência a aceitação de os homens progressistas ignorarem o valor e a presença

das mulheres. Desse modo, era esperado que os homens do progresso optassem por ter o imaginário da mulher como protagonista, com voz ativa, não tendo as suas funções apagadas como em outros tempos.

C) 20 de setembro de 1873, n. 3

FD10: “A hydra da ignorância sofrendo golpe esmagador em sua cabeça, procura fazê-la renascer semelhante à *Hydra de Lerna*; mas *O Sexo Feminino* qual outro novo Hércules hade desfechar-lhe golpes sem piedade” (p. 1).

Na FD10, percebemos a intertextualidade ao remeter a história da Hidra de Lerna, personagem mitológico grego, além disso a luta de Hércules em seus doze trabalhos. Segundo a mitologia grega, na cidade de Lerna tinha um pântano que habitava o monstro chamado de Hidra de Lerna. O corpo da Hidra era de um dragão e tinha a cabeça formada com 9 (nove) cabeças de serpente. Este monstro era filha de Tifão e Equidna, mas era criada pela Deusa Hera. A Hidra tinha o poder de se regenerar e era muito venenosa, exalava um hálito suficiente para matar quaisquer pessoas que aproximasse dele. Hera cuidava da Hidra com a esperança de eliminar o Semideus Hércules. O monstro destruía as plantações das regiões próximas ao pântano, trazendo desgraças para os moradores.

Na mitologia grega, o rei Euristeu desafiou Hércules a fazer 12 trabalhos, sendo o segundo trabalho matar a Hidra de Lerna. O herói demonstrando bravura e coragem aceitou o desafio e foi com a missão de cumpri-la. A Hidra era um monstro difícil de matar, tendo em vista a sua habilidade regenerativa e o veneno potente que exalava do hálito. Hércules travou o combate contra a Hidra, mas foi surpreendido com o Carcino, um caranguejo gigante.

Com o aparecimento do Carcino durante a luta, o herói entendeu que podia ser solicitada uma ajuda para combater a Hidra, então Hércules solicitou ajuda do seu primo Lolau. Com a assistência do primo, o herói conseguiu decepar a principal cabeça da Hidra e jogá-la em um abismo, fechando-a em uma montanha. Além disso, Hércules banhou as suas flechas e estocou sangue do monstro, tornando as suas armas altamente venenosas.

Na formação discursiva 10, analisamos que a condições de produção existente é um cenário de luta contra a ignorância dos homens em relação à educação e a

instrução das mulheres. Neste caso, a Hydra é comparada com alguns cidadãos da sociedade, que insiste em influenciar através dos seus discursos expostos em jornais e em rodas de conversa, a sociedade com a ideologia conservadora.

Do mesmo modo, que a Hydra lançava o veneno para matar, os conservadores materializam a ideologia conservadora em seus discursos, transformando-se em veneno letal para o avanço das mulheres e de uma sociedade moderna. A informação, o conhecimento salvam da ignorância, isto é, das trevas. E como foi mencionado, é o século das luzes, assim é necessário retirar o que causa o retrógrado.

O Sexo Feminino então é comparado ao personagem mitológico Hércules, sendo responsável em combater o monstro. Neste caso, os discursos de Senhorinha Diniz expostos no semanário, tem o poder semelhante ao da espada de Hércules, é através dos discursos pedagógicos polêmicos que a criticidade e as posições-sujeito vão surtindo efeito na sociedade.

Assim, a circulação dos discursos apresentando um novo modelo ideal da mulher, rompendo parcialmente com o tradicional e adquirindo características da progressista, causou a ira dos conservadores. No século XIX, o poder de um homem na sociedade era mostrado com a submissão da mulher, ou seja, a figura masculina ordena e a figura feminina obedece.

Neste contexto, a Hydra sendo os conservadores e Hércules dando a voz ao *Sexo Feminino*, representando o progresso. Notamos que Senhorinha Diniz apresenta em seus discursos publicados no semanário a ousadia, persistência e vontade de vencer. As perseguições não iriam causar medo, considerando que *O Sexo Feminino* é forte e possui armas de conhecimentos para combater o atraso na evolução da mulher.

Percebemos que o principal objetivo é o de influenciar as leitoras a se identificarem com a ideologia concretizada em seus discursos, assim como o de adaptar as identidades. Falamos em adaptar a identidade, considerando que a ideologia predominante em *O Sexo Feminino* é heterogênea, mesclando o modelo conservador com o progressista. A identidade que as mulheres daquela época já possuíam era baseada em pressupostos ideológicos patriarcais, com isso o objetivo era de influenciá-las a seguirem alguns costumes do patriarcado, mas também de adquirirem características defendidos pela primeira onda do Movimento Feminista do Brasil.

Tendo isso em vista, percebe-se, a partir da FD10, uma metáfora poderosa que retrata a luta contra a ignorância e as estruturas de opressão enfrentadas pelas mulheres. A imagem da "hydra da ignorância" sugere a persistência e a multiplicidade dos obstáculos que as mulheres enfrentam em sua busca por emancipação e igualdade. O termo "Hydra de Lerna" evoca uma figura mitológica conhecida por sua capacidade de regeneração, insinuando que, mesmo diante de derrotas temporárias, a ignorância persiste em ressurgir de maneira renovada e desafiadora.

Ao mencionar "O Sexo Feminino qual outro novo Hercules hade desfechar-lhe golpes sem piedade", o texto atribui às mulheres um papel de protagonismo na luta contra essa hydra da ignorância. A referência ao herói mitológico Hércules sugere que as mulheres são capazes de enfrentar e derrotar essas adversidades, usando sua força e determinação para desferir golpes decisivos contra a ignorância e a opressão. A falta de piedade sugerida indica uma postura firme e implacável na busca pela libertação e pela conquista de direitos.

d) 27 de setembro de 1873 e 25 de outubro de 1873, n. 8

FD11: "Pois bem — já que ninguém ousa pôr em dúvida a capacidade da mulher para *educar* — e visto que o próprio governo também por seu turno a considera apta para *professora* não somente de meninas, mas até mesmo de meninos, confiando-lhe a regência de taes escolas (p. 1-2).

FD12: Queremos a nossa emancipação—a regeneração dos costumes; Queremos reaver nossos direitos perdidos; Queremos a educação verdadeira que não se nos tem dado a fim de que possamos educar também nosso filhos; Queremos a instrução pura para conhecermos nossos direitos (p. 2).

No período de 1873, as meninas brasileiras tinham como modelo a ser seguido o da mãe. O modelo ideal era configurado com a formação ideológica conservadora, afirmando e ensinando as crianças a moldarem a identidade para ser apenas mãe e esposa, limitando-se o seu aprendizado em técnicas de bordado, receitas culinárias, aprendizados que agradem a figura masculina e família.

Neste sentido, as meninas chegando na vida adulta estavam fortemente marcadas com pensamentos de ser um sexo frágil. De acordo com Santos (2020, p.7), essas meninas tornando-se mulheres adultas, começavam a refletir sobre a sua capacidade, achando frágil, elas "que refletia em sua capacidade de pensar, de acharem-se inteligentes, capazes, e com esse complexo de inferioridade, mantinha-se afastadas dos espaços públicos".

As mulheres que faziam parte da elite, recebiam uma instrução e educação diferente das escravas, mulheres negras, as indígenas e as pertencentes à classe baixa. As mulheres negras e indígenas não tinham direito a ser alfabetizadas e nem a frequentar o colégio. Desse modo, o modelo ideal exposto em *O Sexo Feminino* era alcançável primeiramente as mulheres filhas de fazendeiros, monarcas, empresários, sendo pertencente a elite brasileira.

Nas formações discursivas 11 e 12, observamos a antecipação de outras formações imaginárias, assim como a presença da memória discursiva. O discurso de Senhorinha Diniz em *O Sexo Feminino* faz paráfrases dos discursos feministas brasileiros da primeira onda. Nesta FDS, é afirmado o desejo e o querer que as mulheres tenham em ser vistas, não ser tratadas como um mero objeto.

A FD11 destaca a contradição entre a percepção da capacidade educacional das mulheres e sua subjugação em outros aspectos da sociedade. Ao mencionar que as mulheres são consideradas aptas para educar tanto meninas quanto meninos, mas ainda são privadas de certos direitos e oportunidades, o discurso expõe a hipocrisia e a desigualdade de gênero presentes na sociedade.

A FD12 expressa um desejo por emancipação e igualdade de direitos por parte das mulheres. Ela reivindica não apenas a educação verdadeira, mas também a capacidade de educar seus próprios filhos, sugerindo uma conscientização sobre a importância da instrução para o empoderamento feminino. Ambas as citações revelam uma busca por justiça e igualdade de gênero, destacando a necessidade de mudança e progresso na sociedade em relação aos direitos das mulheres.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso corpus de pesquisa está inserido no modelo de imprensa feminina no século XIX, mas apresentando uma característica diferente das outras, isto é, sendo uma imprensa feita por mulheres e tendo como seu público-alvo mulheres. O *Sexo Feminino* assumiu a função da veiculação do imaginário feminino, mostrando como Francisca Senhorinha da Motta Diniz, alfabetizada e sendo uma mulher tinha uma imagem sobre si e sobre as outras mulheres oitocentistas.

Esta dissertação se empenhou em descobrir e adquirir uma verificação sobre os imaginários e as identidades que eram circuladas nos discursos da imprensa e da sociedade brasileira construída das/pelas mulheres em 1873. Foi estabelecida a seleção de cinco edições do semanário *O Sexo Feminino* publicadas em 1873, elencando formações discursivas para análise. A materialidade analisada retrata a mulher no seu “lugar de fala”, tratando-se de um trabalho alicerçado nas teorias da AD, com foco na posição discursiva que o sujeito ocupa. Por mais que Análise do Discurso Pecheutiana não tenha um interesse no lugar empírico do enunciador, mas sim pela posição discursiva que é ocupada pelo sujeito, no material escolhido para constituir o corpus é contraposta uma mulher no seu lugar de fala.

No ano de 1873, foram construídos variados posicionamentos e expectativas na sociedade, num momento de divulgações de uma nova forma de fazer política, assim como de funcionamento da cidadania e de modelos novos comportamentos. A imprensa teve um grande papel na divulgação de novos modelos de comportamentos e de identidades. De acordo com o que foi estudado em Tfouni e Tfouni (2014), a mídia apresenta modelos e instrui as pessoas a segui-los. Desse modo, homens e mulheres receberam influência de novos costumes, culturas e atitudes através das leituras dos editoriais.

Nos capítulos anteriores, foi comentado que a imprensa fornece modelos a serem seguidos e que através dos discursos são modeladas as identidades. Neste sentido, a partir das análises das formações discursivas das edições selecionadas, percebemos que *O Sexo Feminino* fornecia o modelo de identidade que rompia parcialmente com o tradicional e adquiria de modo parcial características da ideologia progressista. Sobre o papel da mulher na sociedade, novos tipos de formações ideológicas tornaram-se materializados nas formações discursivas. Uma sociedade

moderna também tem de possuir atitudes modernas, sendo uma delas a de dar voz às mulheres, garantindo seus direitos.

Os discursos polêmicos e heterogêneos de Senhorinha Diniz expostos nas edições do jornal *O Sexo Feminino*, materializavam a ideologia com um imaginário de uma nova mulher oitocentista. Essa heterogeneidade dos discursos tinha a dualidade entre ser progressista e tradicional, influenciando as leitoras uma identificação com o que estava sendo compartilhado.

A mulher que assume o papel de mãe é caracterizada como uma santa, pessoa escolhida por Deus para desenvolver a educação e dar instrução aos filhos, garantindo que siga o caminho do bem, da “salvação”. O discurso religioso apresenta marcações nas formações discursivas analisadas, tendo em vista os elementos da disciplina, do altruísmo, do amor, da obediência, entre outros valores que são mencionados.

As formações discursivas analisadas foram materializadas em 1873, e nelas percebemos o período de luta pelos direitos das mulheres. A partir da análise do *corpus* a partir do aporte teórico pecheutiano, percebemos a construção da imagem e da identidade de um novo modelo de mulher a ser seguido socialmente. O modelo proposto por Senhorinha ao longo do editorial das edições analisadas é a imagem de uma mulher que proporcionará para a sociedade vários benefícios caso receba a instrução corretamente, ganhando orientação para as disciplinas intelectual, moral e física. Mas o principal foco era a orientação intelectual para conseguir a independência financeira e emocional.

As condições de produção são apresentadas nos discursos, marcando a mudança na história sobre o comportamento do homem e da sociedade em relação à educação e instrução da mulher. O século das luzes foi considerado um período de grandes descobertas e mudanças, pois a sociedade brasileira teve influência nos costumes e cultura. Os acontecimentos por meio dos movimentos feministas internacionais, as revoluções nacionais, os movimentos nas artes do realismo e romantismo.

Os objetivos elencados pela jornalista Senhorinha Francisca Diniz Motta, nas publicações das edições do semanário comandado por ela, foram identificados a partir dos discursos materializando as ideologias. Foi observado o principal foco na emancipação feminina. Nos discursos são apresentados a afirmação de que para se obter a emancipação, é essencial que as mulheres tenham o direito a frequentar as

instituições escolares, ter as oportunidades iguais aos dos homens. Os imaginários feminino e masculino apresentados nos discursos das seções editoriais, das cinco primeiras edições de *O Sexo Feminino*, revelam as identidades também formadas. Através das análises discursivas, podemos identificar que um grande percentual dos homens era opressor, os quais eram contra ao direito da mulher se educar e instruir. Neste sentido, nos discursos foi possível identificar que existia um número elevado de mulheres submissas na sociedade de 1873, especificamente na cidade de Campanha-MG.

No decorrer das publicações das edições do semanário, o século XIX é apresentado como momento propício para as mudanças, principalmente para a formação das mulheres. Neste sentido, ao longo das leituras e análises feitas dos discursos de *O Sexo Feminino* (1873), foi possível perceber a construção da realidade sócio-histórica da mulher do estado de Minas Gerais no século XIX.

Com o surgimento desta imprensa totalmente feminina, mostrou como era de caráter de emergência debater sobre questões que afetavam o universo feminino. E a importância para que acontecesse a conquista da participação em espaços públicos, assim como o de unir forças para conquistar mais espaços. A educação destinada para as mulheres começou a ganhar movimento promovendo a igualdade com o direito a frequentar instituições escolares e a participar de áreas antes restritas para a figura feminina.

De acordo com Indursky (2007, p.85), “a contra identificação é um trabalho do sujeito do discurso sobre os dizeres e os sentidos que são próprios à FD que o afeta e, por conseguinte, se institui como forma de resistência à forma-sujeito e ao domínio de saber que ela organiza”. Com base na análise feita no corpus desta pesquisa, foi observado que houve a crítica do sujeito na formação discursiva na qual estava inscrito, mas que não teve o abandono, tendo em vista que o sujeito permaneceu nela.

O sujeito se contrapôs a forma-sujeito e com alguns saberes da FD ao citar a criação da mulher obediente à figura masculina, mas com a identificação que a figura feminina precisa saber cozinhar, cuidar do lar e dos filhos. Do mesmo modo aconteceu em algumas FDS que apresentava a ideologia feminista, mas focando apenas na luta para conquistar os direitos e não se identificando com os dizeres de ser totalmente “livre”.

Por fim, podemos afirmar que a imprensa feminina fornece modelos a serem seguidos, tendo em vista o caráter formativo e pedagógico que os jornais possuem.

Consideramos que os discursos publicados no referido jornal escolhido para o *corpus*, visava promover uma ordem social, a partir de difusões dos pressupostos feministas e patriarcais.

REFERÊNCIAS

AMBRA, P. **Homens e armas**. In: REVISTA CULT. Número 242, ano 22, fevereiro de 2019.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BITTONI, D. H. Imprensa, substantivo feminino. In: **Mulher de papel** – a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

CARNEIROS, M. T.; SOARES, T. M. Z. Representação social em textos da mídia. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Orgs.). **Texto e discurso**: mídia, literatura e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

DINIZ, F. S. M. **O Sexo Feminino**. Campanha da Princeza: Typ. do Monarchista, 1873 a (7 de setembro de 1873).

DINIZ, F. S. M. **O Sexo Feminino**. Campanha da Princeza: Typ. do Monarchista, 1873 a (14 de setembro de 1873).

DINIZ, F. S. M. **O Sexo Feminino**. Campanha da Princeza: Typ. do Monarchista, 1873 a (20 de setembro de 1873).

DINIZ, F. S. M. **O Sexo Feminino**. Campanha da Princeza: Typ. do Monarchista, 1873 a (27 de setembro de 1873).

DINIZ, F. S. M. **O Sexo Feminino**. Campanha da Princeza: Typ. do Monarchista, 1873 a (25 de outubro de 1873).

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa Feminina e Feminista No Brasil**: Século XIX – Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016

FEDERICI, S. Calibã e a bruxa. **Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução de Coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, S. **Mulheres e caça às bruxas**: da Idade Média aos dias atuais. Tradução de Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. 2. ed., 1. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GREGOLIN, M. do R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007.

IBGE. **Recenseamento do Brasil em 1872**. Disponível em: [IBGE | Biblioteca | Detalhes | Recenseamento do Brasil em 1872](#). -. Acesso em: 19/03/2024.

INDURSKY, F. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do Discurso: Apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. p. 79-93.

LAFFEY, A. **Introdução ao Antigo Testamento**: perspectiva feminista. São Paulo: Paulus, 1994

LIMA, J. R. de. O indivíduo na sociedade líquido-moderna e a identidade nacional. **Caderno Zygmunt Bauman**, v. 9, n. 19, 2019. ISSN 2236-4099. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/9893/6538>.

MATTOS, M. de F. da S. C. G. de. O sentido da Modernidade no imaginário do século XIX. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 96–103, 2009. DOI: 10.26563/dobras.v3i6.291. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/291>.

MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de Filosofia**: dos Pré-socráticos a Wittgenstein. 2a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007, p. 62-65.

MEIRELLES, J. G. **Imprensa e poder na corte joanina**: a gazeta do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

MOREL, M.; BARROS, M. O raiar da imprensa no horizonte do Brasil. In: **Palavra, imagem e poder**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006a. p.21-50.

MOREL, M.; BARROS, M. Literatura cotidiana e imagens impressas. In: **Palavra, imagem e poder**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006b. p.51-75.

MUSZKAT, S. Revisitando Adão e Eva. In: **REVISTA CULT**. Número 242, ano 22, fevereiro de 2019.

OLIVEIRA, T. A. A verdadeira liberdade consiste na soberania da inteligência: o periódico O Sexo Feminino e sua reivindicação pela emancipação das mulheres através da educação. **XIV ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH RIO DE JANEIRO**. ISBN 978-85-60979-08-0. Rio de Janeiro, 2010.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997. p. 61-161.

PECHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. Trad. Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. In. ORLANDI, Eni (org.) **Gestos de Leitura**. 3. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1995 [1975].

PERROT, M. **Mulheres públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política**, v. 18, p. 15-23, 2010.

RASSI, A. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: uma análise da “Marcha das Vadias”. **Revista de História da UEG**, v. 1, n. 1, p. 43-63, 2012. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/599>.

SANTOS, Alexandre Guilherme. **O movimento feminista brasileiro e sua influência na Educação da mulher no século XIX**. In: Portal eduCapes, CR-UFS, 2020. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/741437/2/O%20MOVIMENTO%20FEMINISTA%20BRASILEIRO%20E%20SUA%20INFLU%20%C3%84NCIA%20PARA%20A%20EDUCA%20%C3%87%C3%83O%20DA%20MULHER%20BRASILEIRA%20NO%20S%C3%89CULO%20XIX..pdf>.

SILVA, J. B. **O Iluminismo** – A Filosofia das Luzes. Monografia. UEFS. Universidade Estadual de Feira De Santana, Feira de Santana, 2007.

TFOUNI, F. E. V.; GRIGOLETTO, E. Imaginário e Identificação no discurso sobre Donald Trump: Análise do funcionamento das capas de revistas Exame e Isto é. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 4815-4830, abr./jun. 2020.

TFOUNI, F. E. V.; TFOUNI, L. V. A mídia e a fabricação do “bom” sujeito. **Todas as Letras**, v. 16, n. 1, p. 116-124, maio 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v16n1p116-124>.

ANEXOS

ANEXO A – 7 de setembro de 1873 (apresenta discursos influenciando a emancipação da mulher)

1. “Semanário dedicado aos interesses da mulher” (p. 1)
2. “Proprietária e Redactora-D. Francisca S. Da.M Diniz-Collaboradoras, Diversas.” (p. 1)
3. “agourem bem ou mal o nascimento, vida e morte do *Sexo Feminino*; persigão os *retrógrados* com seus ditérios de chufa e mofa nossas conterranças, chamando-as de *utopistas*: O *Sexo Feminino* aparece, hade lutar, e lutar até morrer: morrerá talvez, mas sua morte será gloriosa e a posteridade julgará o perseguidor e o perseguido.” (p. 1)
4. “O século XIX, século das luzes, não se findará sem que os homens se convenção de que mais de metade dos males que os opprimem é devida ao descuido, que elles tem tido da educação das mulheres. e ao falso supposto de pensarem que a mulher não passa de un traste de casa, grosseiro e brusco gracejo que infelizmente alguns indivíduos menos delicados ousão atirar a face da mulher, e o que é mais as vezes, em plena sociedade familiar!!” (p. 1)
5. “Em vez de paes de família mandarem suas filhas a coser, engomar, lavar, cosinhar, varrer a casa, etc., mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, grammatica da lingua nacional perfeitamente, e depois, economia e medicina domestica, a puericultura, a litteratura (ao menos a nacional e portugueza), a philosophia, a historia, a geografia, a physica, a chimica, a historia natural, para coroar esses estudos a instrucção moral e religiosa; que estas meninas assim educadas não dirão quando moças estas tristes palavras: “Si meu pai, minha mãe, meu irmão, meu marido morrerem o que será de mim!!” (p. 1)
6. “Não sirva de cuidado aos paes suas filhas, assim educadas e instruídas não saibão coser, lavar, engomar, cortar uma camisa, etc.” (p. 1)
7. “A riqueza intellectual produzirá o dinheiro, e com este se satisfarão as necessidades.” (p. 1)
8. “O dinheiro, Deus o da e o diabo pode levar, mas a sabedoria que Deus dá o diabo não a roubará.” (p. 1)
9. “Feliz coincidência ! Ha 51 annos que se quebrarão os ferros de nossa escravidão ao jugo colonial, que se libertou o brasileiro do despotismo de um homem que d'alem do Atlântico, nos impunha sua vontade de ferro; ha 51 annos em fim que soou o grito de nossa independência. Pois bem, este dia marcará também em nossa historia pátria uma época não menos memorável - a independência da mulher, cujo echo se faz ouvir

na imprensa por um órgão—O Sexo Feminino. E pois, Viva a independência do nosso sexo! Viva a instrução da mulher ! Vivão as jovens campanhenses!” (p. 2)

ANEXO B – 14 de setembro de 1873 (emancipação da mulher)

1. “O Sexo Feminino ergue-se modesto no vasto mundo da imprensa; está animado de bons desejos para conviver, e corresponder-se com os do mais periódicos, com os quaes deseja entreter relações amistosas, maxime com aquelles que não deixão de propugnar pelos interesses da mulher, cujos direitos tem até o presente sido tão descuidosamente tratados pelo nosso governo, que parece temer alguma revolução resultante da *instrucção, educação e emancipação da mulher.*” (p. 1)
2. “Nos combates da intelligencia não jorra o sangue que se tó nessas batalhas phisicas, e sangue muitas vezes de innocentes!” (p. 1)
3. “O direito de guerra, o direito de matar não se origina de fonte divina; não é um direito natural porque aberra de todos os principios de justiça.” (p. 1)
4. “Prepare-se o futuro pela educação o instrucção do sexo frágil. Formem-sc as mãis de familia, que por seu turno vão erguer escolas e collegios, nos campos, nas villas e nas cidades; que ensinem à mocidade de ambos os sexos os sãos principios de uma instrucção moral e religiosa, e a face da sociedade se ha de mudar.” (p. 1)
5. “Mais de familia assim formadas prepararão a mocidade que *futuramente* possa ornar as diversas carreiras a que pode aspirar *um moço* ou *uma moça* desde a mais alta escala social até o mais modesto emprego official.” (p. 1)
6. “Só ha um meio de regenerar a sociedade, de mudar moralmente a face da terra, de emancipar a mulher, de salvar-lhe um futuro — é pela educação e instrucção no *collegio*, ou no *lar doméstico* por pedagogos da escolha paterna, e isto enquanto não se preparão as mães de famílias.” (p. 1-2)
7. “A mulher, pertencente ao sexo frágil; como é denominado pela onnipotência do homem, é um movei, um juguete que o capricho de qualquer estoico colloca no canto da casa ou atira barbaramente a última escala social!” (p. 2)
8. “É tempo de olharmos atentamente para a nossa situação. Que papel representa a mulher na sociedade? Quando filha, quando mãe, esposa ou viúva, sempre, sempre manietada, oprimida e dominada desde o primeiro até o último homem.” (p. 2)
9. “A mulher dotada com as mesmas faculdades do homem, com a intelligencia e a razão abertas a receber o cultivo das letras, das artes e das sciencias, para ser útil á pátria e desempenhar a sua missão na sociedade, a maior e a mais santa missão da humanidade que toda depende da — mãe de família — deve chamar a si os foros que não pode negar-lhe uma sociedade culta.” (p. 2)
10. “Instrucção para o sexo feminino minhas caras patricias! Não cessemos de pugnar e clamar até que completamente consigamos este desideratum.” (p. 2)
11. “Com a instrucção conseguiremos tudo, e quebraremos ainda as cadêas que desde séculos de remoto obscurantismo nos roxêão os pulsos e aviltão a própria dignidade.”

12. “Quando os olhos do espirito culto de todas as mulheres virem as injustiças, o cruel dominio e a postergação de direitos de que somos victimas, então o nosso triumpho será completo, porque formaremos uma cruzada que tudo vencerá.” (p. 2)
13. “Pela discussão persuadiremos, e conquistando palmo a palmo o terreno que nos hão roubado, seremos um dia independentes e felizes. ' O hymno da victoria será nosso. Avante pois.” (p. 2)

ANEXO C – 20 de setembro de 1873, n. 3

1. “A hydra da ignorância sofrendo golpe esmagador em sua cabeça, procura fazê-la renascer semelhante à *Hydra de Lema*; mas *O Sexo Feminino* qual outro novo Hercules hade desfechar-lhe golpes sem piedade.” (p. 1)
2. “O ponto objetivo do novo periódico é, como mais de uma vez dito, a *educação* e a *instrução da mulher*; estas duas expressões symbolisam a *synthese* de seus esforços.” (p. 1)
3. “Não é o externo da mulher que cumpre ornar _ é o interno, é a inteligência que deve brilhar; é no fundo do coração da mulher que urge inocular os princípios de *moral* e *religião*, que tanto mais sobre sairão quanto maior for a virtude que nelle existir.” (p. 1)
4. “Desenganemo-nos, a mulher sempre hade ser desconsiderada, hade ficar *estacionaria*, hade representar o papel triste que tem representado até o presente, si não lhe dermos *educação e instrução*.” (p. 1)
5. “Mas o homem hade compartilhar dos efeitos deste seu modo de pensar; porque ‘quem semêa abrolhos, espinhos colhe’.” (p. 1)
6. “Não há maior erro, mais triste ingenuidade do que dizer-me que o século XIX é o seucllo das luzes, existindo a escravatura e a pena de morte, os dois maiores crimes do mundo bárbaro, ainda conservados no mundo civilizado, na phrase elegante do nunca assaz lido, meditado e reproduzindo Aimé Martin.” (p. 2)

ANEXO D – 27 de setembro de 1873

1. “já não se depara com um pai de família que ouse impunemente dizer—*não é preciso, não quero que minha filha aprenda a ler*, como outr'ora dizião nossos antepassados, que não compreendião para que poderia servir a *educação e instrucção*.” (p. 1)
2. “Vemos hoje *professoras* leccionando em suas cadeiras públicas e particulares suas alumnas, a quem distribuem *instrucção e educação*, e, o que c mais, leccionando já a *meninos!*”
3. “Saudemos alegres este progresso, e esquecendo e matando esse triste passado, lembremo-nos de vivificar o presente.” (p. 1)
4. “Pois bem — já que ninguém ousa pôr em dúvida a capacidade da mulher para *educar* — e visto que o próprio governo também por seu turno a considera apta para *professora* não somente de meninas, mas até mesmo de meninos, confiando-lhe a regência de taes escolas, fazendo-a dest'arte depositaria de sua confiança *oficial*, é *ocasião*, é tempo opportuno parado alto da *imprensa* clamar e convencer taes professoras de que não se contentem com a *instrucção* suficiente para ensinar o-A B C—é necessário, é urgente que possuão a maior *somma* possível de conhecimentos, o que só conseguirão com estudo profundo *methodisado*.” (p. 1-2)
5. “É preciso preparar professoras-modelos, que não somente nas cidades e villas, mas também nos campos, ou mesmo nesses longinquos sertões possão *ensinando bem* ser consultadas em vez de *consultarem* muitas vezes a quem não é capaz de guiá-las.” (p. 2)
6. “O resaltado grandioso que se deve esperar da *instrucção e educação* transmittida pela mulher no *magistério* depende de prepará-la *previamente* para esse honroso, mas difícil e árduo encargo de ensinar.” (p. 1)

ANEXO E – 25 de outubro de 1873, n. 8

1. Queremos a nossa emancipação—a regeneração dos costumes; Queremos reaver nossos direitos perdidos; Queremos a educação verdadeira que não se nos tem dado a fim de que possamos educar também nosso filhos ; Queremos a instrução pura para conhecermos nossos direitos, e delles usarmos em ocasião oportuna; Queremos conhecer os negócios de nosso casal, para bem administrarmos los quando a isso formos obrigadas; Queremos em fim saber o que fazemos, o porque o pelo que das cousas ; Queremos ser companheiras de nossos maridos, e não escravas: Queremos saber o como se fazem os negócios fora de casa ; Só o que não queremos é continuar a viver enganadas. (p. 2)